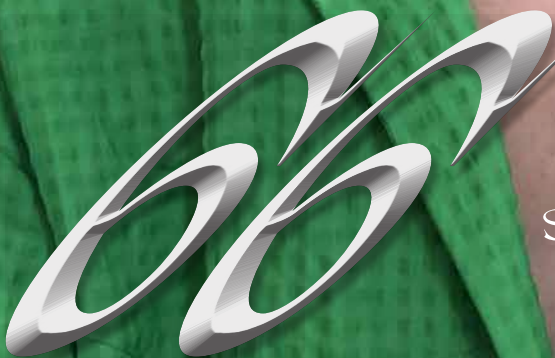


PARO



PERFUME GENIUS
SKATE EMO BARCELONA
DRAG QUEENS
SANDRO LOMINASHVILI
MARIA GABBINA



Periodicidade
Bimestral
Depósito legal
272758/08
Registo ERC
125392
Edição
Conforto Moderno Uni, Lda.
NIF
508 399 289
Propriedade
Conforto Moderno Uni, Lda.
Rua Quirino da Fonseca, 25 - 2ºesq.
1000-251 Lisboa, Portugal
Telefone
00351 218 473 379

Impressão
Eurodois. R. Santo António 30, 2725 Sintra
12.000 exemplares
Distribuição
Conforto Moderno Uni, Lda.

Assinatura anual: 12 euros

Director
Francisco Vaz Fernandes
francisco@parqmag.com
Editor
Conforto Moderno
Design
Valdemar Lamego
www.valdemarlamego.com

Textos
António M. Barradas
Carla Carbone
Carlos Alberto Oliveira
Daniel Bento
Diogo Graça
Francisco Vaz Fernandes
Joana Teixeira
Liliana Pedro
Margarida Santos
Maria São Miguel
Miguel Rodrigues
Patrícia César Vicente
Rafael Moreira
Rafael Vieira
Roger Winstanley
Rui Miguel Abreu
Sara Madeira
Sara Pereira

Fotos
Andy Dyo
Diana Neto
Frederico OM
João Paulo
Paulo Leote
Sal Nunkachov

Styling
Addicted Productions
Conforto Moderno
Daniela Gil
Marta Lobo
Pedro Aparício

www.parqmag.com

facebook /parqmag
instagram /parqmag
youtube /parqmag

A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da PARQ. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 – 2020 PARQ.



SARA LAPÃO fotografada por DIANA NETO,
styling DANIELA GIL, grooming NATA MIRKINA.
tshirt e saia FRED PERRY.



NICOLAS SARTORTE fotografado por NICOLAS SARTORTE.
Veste RITA SÁ.

Editorial

VIDA

Vivemos um momento de retração e também nós PARQ, tivemos o nosso momento de impasse e decidimos não publicar em papel esta edição que se apresenta apenas para consulta on-line. É a nossa resposta a este período marcado por uma pausa em que cada um procura adiar, para ver o que se vai passar mais a frente. Ou seja, em Outubro procuramos voltar a normalidade tal como o mundo inteiro, assim, o deseja. Até lá no teu tablet, telemóvel ou qualquer outro suporte espero que possam ler em profundidade, o que duas *Drag Queens* em Lisboa têm a dizer ao mundo. Obrigado por toda a franqueza, LOLA e REBECCA. O mesmo diria da mais jovem de todas as designers de moda portuguesa, MARIA GAMBINA. Já de longe, chegam-nos os ecos lamuriosos de PERFUME GENIUS. Por tudo o que nos dão, num mundo cada vez mais plural, fazemos força para que o novo normal volte rapidamente. Até lá boas férias e muitos cuidados. Boa altura para pensarmos em todos e de como fazemos parte de um todo e como tal somos responsáveis por tudo o resto que possa acontecer ao nosso lado.

Francisco Vaz Fernandes



FREDPERRY.COM



FRED PERRY STORES:

NORTE SHOPPING, MATOSINHOS / PORTO
ARRÁBIDA SHOPPING, V. N. GAIA
RUA DO OURO, LISBOA

SHOP-IN-SHOP:

EL CORTE INGLÉS GAIA / PORTO
EL CORTE INGLÉS LISBOA
MARQUES & SOARES, PORTO

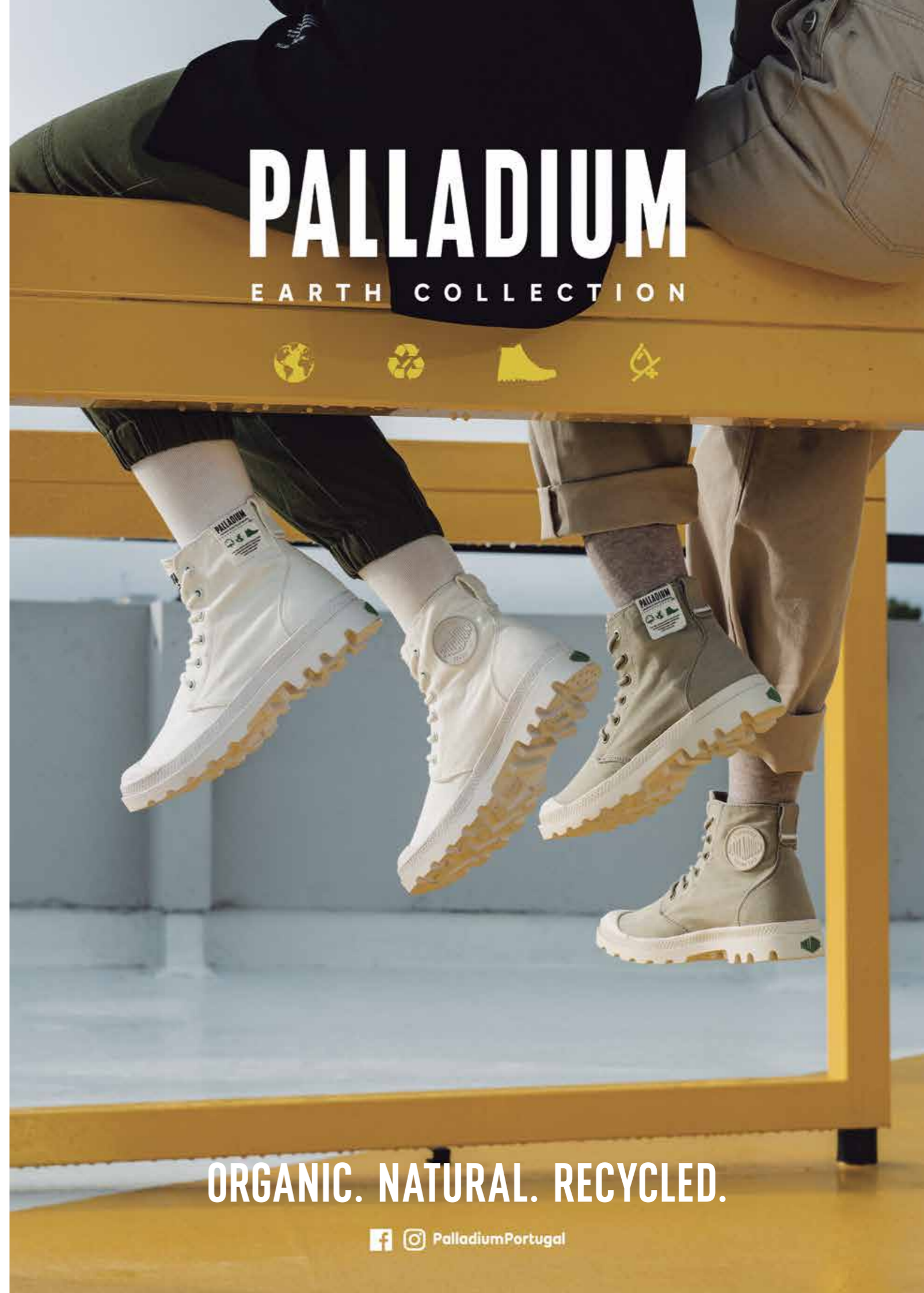


Open | Search | Scan

LISTEN TO BLACK / CHAMPAGNE / CHAMPAGNE



gou mus6	06	Rodrigo Vaiapraia
	08	Discos
	10	Freud
	12	Ema
	14	Edi Dubien
	16	Máscaras
	18	Arno Declerq
	22	Fé dos Burros
	23	Vespa
	24	Le Mec Cravo
	26	Archie Dickens
	30	Behén
	34	Fila by PARQ
	42	Ibiza
	44	Birkenstock EVA
	45	Beleza
	46	Sneakers
	52	Sunglasses
SOUNDSCAGION	56	Perfume Genius
CENTRAL PARQ	60	Barcelona Capital do Skate
	68	Maria Gambina
	78	Sandro Lominashvili
	80	Lola & Rebecca
	90	Lola's Quarantine
FASHION	106	My bed is mother earth
	122	Self
PARQ HERE	142	As Ladrás
	144	Elemento
	146	Queijaria Machado
	148	Crónica



100% CARISMA

RODRIGO VAIAPRAIA

texto por Sara Pereira
foto por Ricardo Gomes



Vem aí o novo álbum de VAIAPRAIA. Sucedendo ao disco *1755, 100% Carisma* estreia-se a 22 de junho e conta com 16 faixas. Símbolo de igualdade e voz de liberdade, RODRIGO VAIAPRAIA contou-nos mais sobre este novo trabalho —“É uma continuação muito natural do *1755*, apesar de ter um som bastante mais polido. O que é novo são talvez algumas temáticas e uma exploração sonora mais rica. O que eu espero e desejo é que o disco tenha o sabor de uma viagem com muitos solavancos porque foi assim que me estava a sentir enquanto o fazíamos. Trabalhar com o ADRIANO CINTRA e o LUÍS SEVERO foi maravilhoso e essa colaboração moldou inevitavelmente o disco. Para além disso, há participações muito especiais de pessoas que admiro muito.” Sempre com um testemunho forte, VAIAPRAIA traz-nos mais um disco que promete erguer uma mensagem de esperança e liberdade como acontece com o single *Comidas do Infinito* que demonstra a infinidade de possibilidades que temos de ser e de criar. Refere ainda —“A nossa voz é a nossa bandeira. É fundamental ter essa noção enquanto um instrumento vital para navegar neste mundo que é tão desigual e injusto. Temos de usar a nossa voz para nos defendermos, mas às vezes o mais importante é calar a nossa voz e por uma vez na vida ouvir a voz que está ao nosso lado.” Fundador da agência/produtora MATERNIDADE e do RAMA EM FLOR (Festival Comunitário Feminista Queer) considera que estes projetos foram excelentes aprendizagens e maneiras de conhecer o tecido cultural de Lisboa e de perceber as suas problemáticas e reforça —“O ativismo não pode ser regido por vontade de protagonismo”.



LECOQSPORTIF.COM

O verão está mesmo a chegar. Um verão diferente, certamente, pelas contingências da pandemia que vivemos. Salve-nos a música. Aliás, como sempre.



O músico da Irlanda do Norte CHRIS MCCONAGHY, aka OUR KRYPTON SON, tem um novo disco a caminho, *Modern Ruins*, que será lançado a 7 de Julho. Eletrónica sumptuosa com contornos *Dream Pop*, desenhando paisagens perfeitas.

De Montreal, os NO JOY têm um novo disco a caminho *Motherhood*, que sairá a 21 de Agosto pela Joyful Noise/Hand Drawn Dracula. Um feliz casamento entre a Eletrónica e o *Shoegaze*, como se ouviu no novo registo "*Birthmark*".

Healing Is A Miracle é o nome do novo trabalho da JULIANNA BARWICK que sairá a 10 de Julho pela editora Ninja Tune. Já se conhece o maravilhoso single "*Inspirit*". Eletrónica densa, espectral, composta por atmosferas etéreas.

O novo disco da banda de Manchester, os *Everything Everything*, está a chegar. *Re-Animator* chegará às lojas a 21 de Agosto pela Infinity Industries. O tema "*Arch Enemy*" levanta o véu. Um caldeirão de *Art-Rock*, *Pop* e sintetizadores, como já tem vindo a ser hábito da banda.

A banda de DETROIT PROTOMARTYR edita *Ultimate Success Today* a 17 de Julho pela Domino. Um novo fôlego para o *Post-Punk*, verdadeiramente inspirado, irreverente na sua essência, acutilante na sua forma, como seria de esperar.

Novidades de Leeds pela mão dos I LIKE TRAINS, que voltam após oito anos com um novo álbum *Kompromat*, com data marcada para 21 de Agosto. A canção "*The Truth*" revela a banda no seu melhor. *Post-punk* salpicado de batidas dançantes, utilizando o spoken word como arma.

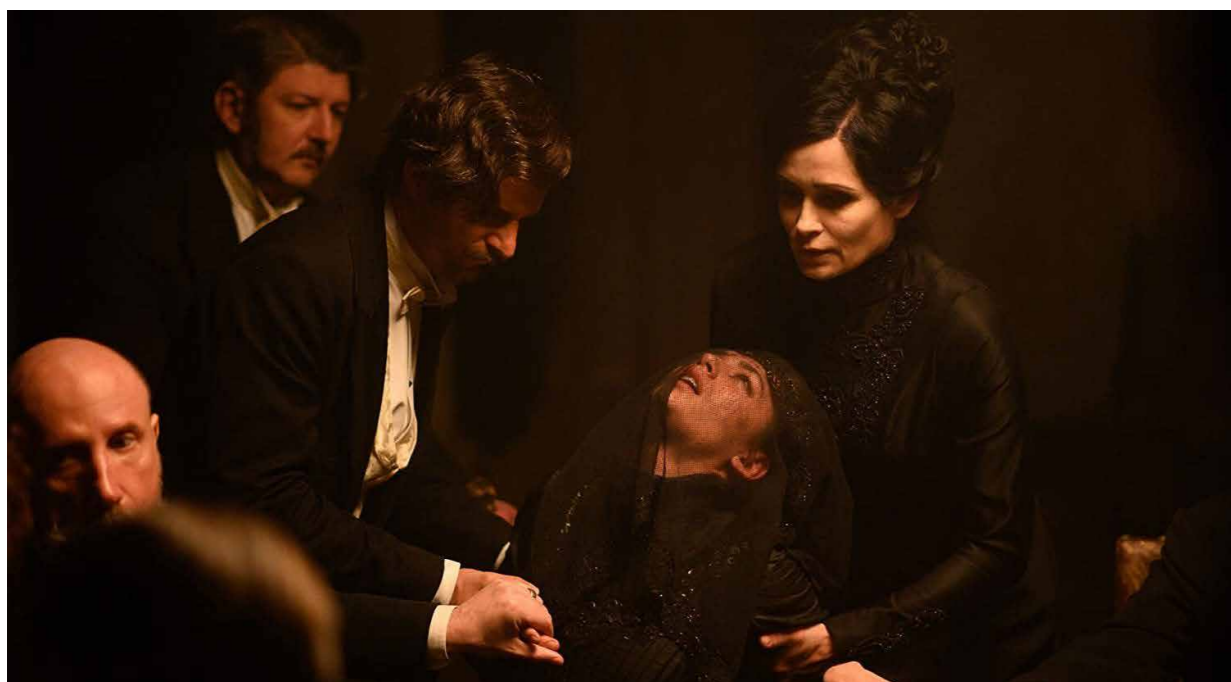
De França, YELLE prepara-se para regressar com um novo álbum em Setembro. Entretanto, a artista apresentou o single "*Je t'aime encore*". *Pop* dançante, colorida e adocicada como se deseja.

O projeto de BRENDY CANN, FOEMEN, artista baseado em Newcastle, partilhou recentemente o single "*In A Memory*". Sintetizadores que criam ambientes cativantes, com a luxúria a servir de mote. Até ao fecho da edição não havia registos quanto à data para o lançamento do novo disco.





Foi a 23 de março que estreou mundialmente mais um produto original Netflix: *Freud*. Uma minissérie austríaco-alemã de 8 episódios que mistura factos e eventos imaginários para narrar a história do psicólogo SIGMUND FREUD. A série é realizada pelo austríaco MARVIN KREN, ganha corpo em Viena e constitui-se como um dos thrillers psicológicos mais interessantes dos últimos anos. Arrojada em algumas das escolhas estéticas –ao carregar várias sequências de mistério com generosas doses de efeitos sonoros e utilização de câmara subjetiva– a plasticidade da série em nada parece exagerada. Pelo contrário, irrepreensível na sonoplastia, guarda-roupa, coloração e edição, o primor estende-se ao invulgar grau de complexidade dos personagens. Personagens empáticos repletos de contradições e camadas de existência várias... à semelhança da psique humana. *Freud* apresenta-nos uma trama muito bem cosida e consistente. Com permanentes momentos de interesse, suspense e provocação, que em momento algum parecem tratar-se de mera pirotecnia de guião. A intensidade da narrativa é coerente com o perfil dos personagens. Vale ainda salientar o trabalho de ROBERT FINSTER, no papel de *Freud*, e o de ELLA RUMPF, no da complexa *Fleur*. Sem nunca deixar de entregar uma narrativa intrigante e instigante embrulhada na melhor das embalagens técnica e estética, *Freud* destaca-se pela ousadia de catapultar para a opinião pública um tema de extrema pertinência –o da saúde mental.

**BIRKENSTOCK®**

Tradition since 1774.

birkenstock.com

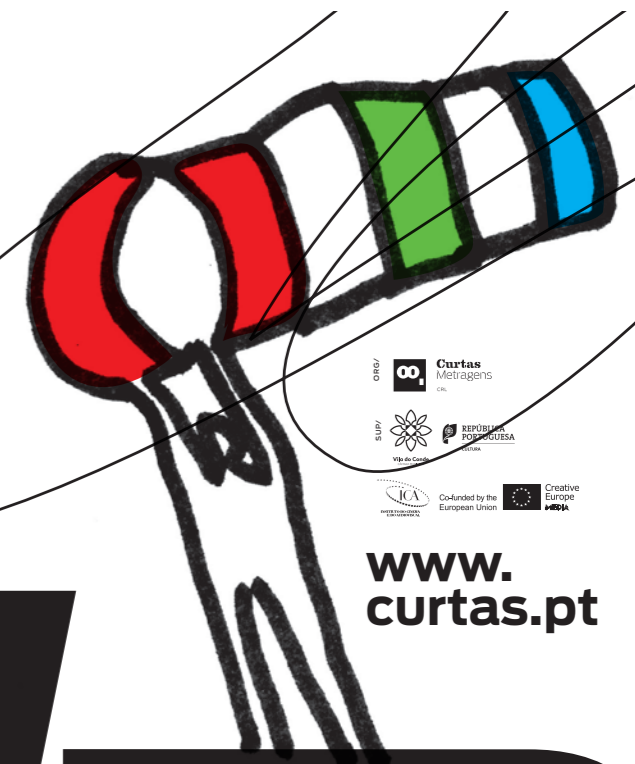


O novo filme de PABLO LARRAÍN chegou finalmente em Portugal. O drama conta a história de *Ema* e *Gastón* que enfrentam uma bruta realidade quando decidem devolver o seu filho adotivo, *Polo*, devido ao seu comportamento violento. Esta escolha torna as suas vidas num constante frente a frente de acusações e culpas instalando um ambiente tóxico e insuportável. *Ema*, espírito livre, dançarina, embarca então numa procura de liberdade tentando fugir às normas e pressupostos da sociedade, direcionando-se para escolhas ousadas que atormentam tudo por onde passa e apaixonam todos os que se cruzam no seu caminho. A jovem em chamas é movida pela sedução, pela paixão, pela fantasia, pela dança e vivencia sempre uma certa insatisfação e olhar vazio instalado pela culpa de ter entregue o filho. Entregue à rebeldia, flui no ritmo do *reggaeton* libertando-se das suas angústias e dos seus tormentos. Com uma realização e caracterização fenomenal, o filme é sem dúvida eletrizante e único, uma longa-metragem sobre movimento, expressão, liberdade, paixão.



VILA DO CONDE

CU RTAS



www.curtas.pt

28º festival internacional de cinema

3-11/

OCT
2020



texto por Francisco Vaz Fernandes
imagens cortesia da
Galerie Alain Gutharc, Paris

Geralmente, só no mundo das fábulas, os homens e os animais, aparecem num plano de igualdade. O mundo natural é compreendido em geral como um universo ao serviço do homem, ou seja oprimido pela presença humana. Esta seria uma introdução prosaica ao universo mágico de EDI DUBIEN, um artista que recentemente tem tido grande reconhecimento público. Não foi sempre assim. Cedo, durante a sua infância, manifestou um evidente desajustamento relativo ao que era esperado de si no seu entorno social. Recorda-se como uma criança fechada nas suas questões sobre o género que rapidamente passaram a ser fonte de opressão. Só quando regressava a casa dos avós numa pequena aldeia no centro de França, cercado por um mundo selvagem se sentia seguro. Nesse mundo estranho e permissível podia ser tudo que imaginava ser sem restrições. Simplesmente existir era já por si ter a consciência de fazer parte dessa complexidade que é o mundo natural, sem contradições.



De certa forma, EDI DUBIEN ressuscita todas as teorias inerentes ao bom selvagem. Um ser originalmente bom corrompido pela sociedade. O seu processo de libertação, leva a uma transição e conseqüente transformação. Considera-se um artista *trans*, mesmo que não obedeça ao que imediatamente imaginamos ser uma pessoa *trans*. Os trabalhos que desenvolve no seu atelier podem ser pinturas, desenhos ou escultura e referem-se na maior parte das vezes à libertação de um corpo aprisionado que quer ser outra coisa. Ou seja, há uma comunhão entre o corpo do trabalho que produz e o seu próprio corpo. Por isso muitas das suas representações expõem um lado frágil e até inacabado. A imagem idealizada do jovem em fusão com o mundo natural é recorrente e tem por base as suas memórias de infância as experiências que viveu nesse mundo selvagem que o invadia em casa dos avós. É essa infância e esse mundo natural que sempre estiveram em perigo e como tal procura salvar, a partir do seu testemunho, materializado nas suas criações.





A Galeria Municipal do Porto, nos jardins do Palácio de Cristal, reabre ao público com uma vasta programação prevista até 2024. O evento inaugural é composto por uma exposição sob o tema, "*Masks*", máscaras, previsto para março mas que teve de ser reagendado para junho devido aos constrangimentos provocados pelo período da pandemia. A exposição coletiva reúne 24 artistas e é uma proposta de JOÃO LAIA, curador-chefe do Museu Kiasma de Arte Contemporânea, em Helsínquia, em conjunto com o lituano, VALENTINAS KLIMASAUSKAS. Procuram trazer para esta mostra um conjunto de trabalhos que fazem referência à relevância e importância das máscaras na nossa sociedade, tanto no passado como no presente, que se materializam sob diversas aparências, seja no mundo digital, seja no ativismo político e social. Um tema que, pese embora não aborde diretamente a relevância que o uso obrigatório da máscara ganhou em termos globais, não deixa de ser bastante premonitório. Dos trabalhos presentes, grande parte refere a produções recentes, criadas por artistas jovens que vão ganhando espaço crítico, com exceção de nomes incontornáveis no mundo da arte, como ADRIAN PIPER, com uma obra de 1973 e CINDY SHERMAN com uma obra de 1987.

A par desta exposição, o espaço Mezzanine, desta galeria, reúne uma retrospectiva do ilustrador DIOGO JESUS com curadoria de JOÃO RIBAS.



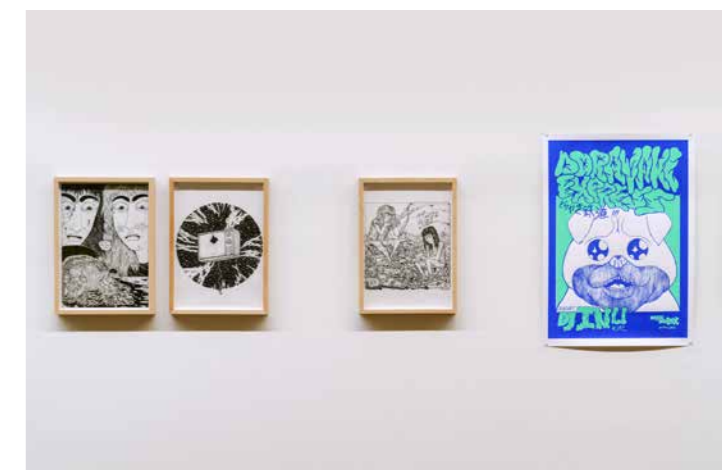
Masks
Exposição coletiva
curadoria por JOÃO LAIA e
VALENTINAS KLIMASAUSKAS

Apesar de não estar, estou muito
Exposição Diogo Jesus
curadoria por JOÃO RIBAS

Jardins do Palácio de Cristal
Rua D. Manuel II, 196
Porto

Ter. → Sáb.
10:00 → 18:00
Dom.
14:00 → 18:00

www.galeriamunicipaldoporto.pt



texto por Francisco Vaz Fernandes



No seio familiar, o mundo da arte e o do design de moda faziam parte do quotidiano do jovem ARNO DECLERCQ, que desde cedo pensou ter uma carreira na área do design de interiores. Aos 22 anos já tinha a sua própria galeria nos arredores de Bruxelas, onde simultaneamente pôde começar a realizar as suas primeiras peças de design. Lentamente, todo o espaço se converteu num atelier, de onde saíam peças que revelavam o seu interesse pela cultura africana, traçando assim um percurso *sui generis* no seio do design marcado por uma identidade forte. O seu pai é um dos grandes colecionadores e conhecedores de arte africana e o apelo ao reducionismo das formas que podemos encontrar nas suas criações foram na verdade, uma escola, uma vez que desde sempre estiveram nos expositores da sua casa paterna, fazendo parte da sua memória de infância.

A figura do totem e a dimensão sacra está muitas vezes nas formas que encontra para as suas criações que, para além de serem pensadas para uso quotidiano, têm em geral uma dimensão escultural. Elas surgem a partir de elementos circulares ou elementos verticais, procurando atingir uma pureza de formas regulares. O negro que marca grande parte das suas criações funciona como ausência de cor e enfatiza mais a forma e a funcionalidade de cada objeto. O negro é uma referência à cor natural do Iroko, uma madeira considerada sagrada em África e por isso reservada aos trabalhos nobres. Em substituição, ARNO DECLERCQ opta por criações em Robles Belga que é escurecido com uma patina para ter uma expressão próxima do Iroko.

Ao trazer para o design a cultura africana, evocando o reducionismo das formas, o seu processo criativo repete em parte a trajetória do modernismo nas artes plásticas no séc. XX, que a partir de um olhar atento a cultura africana se libertou da sua tradição realista da representação, caminhando para algo mais simbólico. Também em ARNO todas as formas e funções estão reduzidas ao limite, ou seja por uma essência, que se revela teatral e brutalista.





FOTOGRAFIA
**FÉ
DOS BURROS**

texto por Sara Pereira

É numa parceria entre o Município de Alfândega da Fé, a produtora MediaUtopia e a Associação AEPGA que surge este projeto de fotografia e vídeo com o objetivo de chamar a atenção para a preservação do gado asinino e muar do concelho de Alfândega da Fé, tal como o seu legado cultural e social. O projeto realizado e fotografado por JOÃO PEDRO MARNOTO contou com o veterinário MIGUEL NÓVOA, que efetuou a pesquisa no campo.



Em *Fé nos Burros* viaja-se para um mundo rural, solitário, pequeno em dimensão, mas grande em sabedoria e tradição. Centrado nos burros, nas mulas, nos machos e os seus donos, este documentário mostra a relação de cumplicidade que existe entre estes animais de trabalho e os seus donos. Relata-se a importância cultural e social destes seres, na realidade da região interior “em que muitas vezes as pessoas viram os seus filhos partir e o animal, os burros, os machos, as mulas são uma companhia e uma forma de saírem de casa e poderem continuar a viver o seu dia-a-dia”. Fala-se de modernidade, desta ter substituído muitos destes animais companheiros por máquinas como os tratores e que trouxeram outros atributos aos burros como o ecoturismo, os fins medicinais, a afinidade para com as crianças, a docilidade. Cantam-se cantigas, produz-se vinho, batem-se as cartas na mesa, sentem-se vivências e emoções. Um mundo onde se quer pouco e se dá muito —“só estamos bem a dar de beber e de comer”.

Fé nos Burros é um convite ao interior e a esta realidade que faz parte da nossa história e memória coletiva.

O projeto esteve presente em várias e exposições apresentações e ganhou dois reconhecidos prémios no Festival Internacional de Cinema Ambiental e deu origem agora a um livro + DVD.



**LA DOCE
VITA**

texto por Maria São Miguel

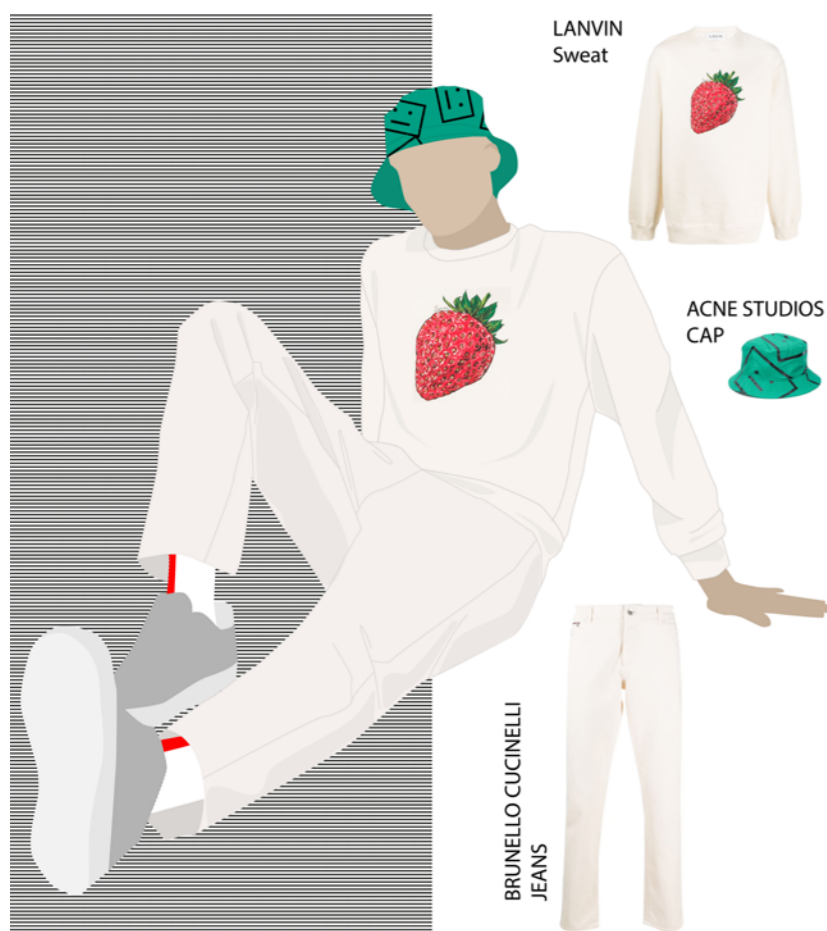


DIOR e VESPA unem esforços para criar scooter e gama de acessórios exclusivos que celebram a alegria e arte de viver em duas rodas. Fundadas no mesmo ano (1946), a marca italiana e a casa de alta costura parisiense, procuram reinventar o espírito de liberdade, movimento e expressão que impulsionam ambas as marcas. O novo modelo exclusivo VESPA reflete o compromisso de ambas as insígnias com a arte dos detalhes, excelência e *savoir-faire*. A nova VESPA 946 Christian Dior, versão contemporânea da icónica VESPA 946

—lançada em 2012 foi desenvolvida por MARIA GRAZIA CHIURI, diretora criativa das coleções femininas da DIOR que, a propósito desta parceria, comenta “desde o início que fiquei muito entusiasmada com este projeto com a Vespa. Para mim, a Vespa está ligada à minha cidade, Roma, e à liberdade de circular pela cidade com facilidade, como no filme *Roman Holiday* (1953), que deixou a extraordinária imagem de AUDREY HEPBURN agarrada a GREGORY PECK numa Vespa.

texto por Francisco Vaz Fernandes

O facto de termos estado confinados nos nossos lares, deu-nos mais tempo para refletir sobre nós mesmos. Daí que tenham surgido para a esfera pública, muitos projetos novos que estavam latentes à espera da boa oportunidade. É nesse patamar que encontramos a motivação de PAULO CRAVO, o mentor de *@le.mec.cravo*, uma conta que podemos encontrar no Instagram. É mais um área de interesse do criativo, que estamos habituados a ver na orientação da plataforma *Bloom* do *Portugal Fashion* e que tinha já no historial, a marca, CRAVO/BALTAZAR, um dos projetos pioneiros do design de moda nacional. Em *@le.mec.cravo*, visita várias coleções de criadores internacionais picando e juntando peças do que podem ser os looks mais excitantes da temporada. Ou seja, uma suposta coleção de autor que pode servir-nos de inspiração.



A ilustração é talvez uma das tuas facetas menos conhecida. Desde quando a ilustração te atraía? O que aprendeste com o teu novo projecto? Como tem evoluído?

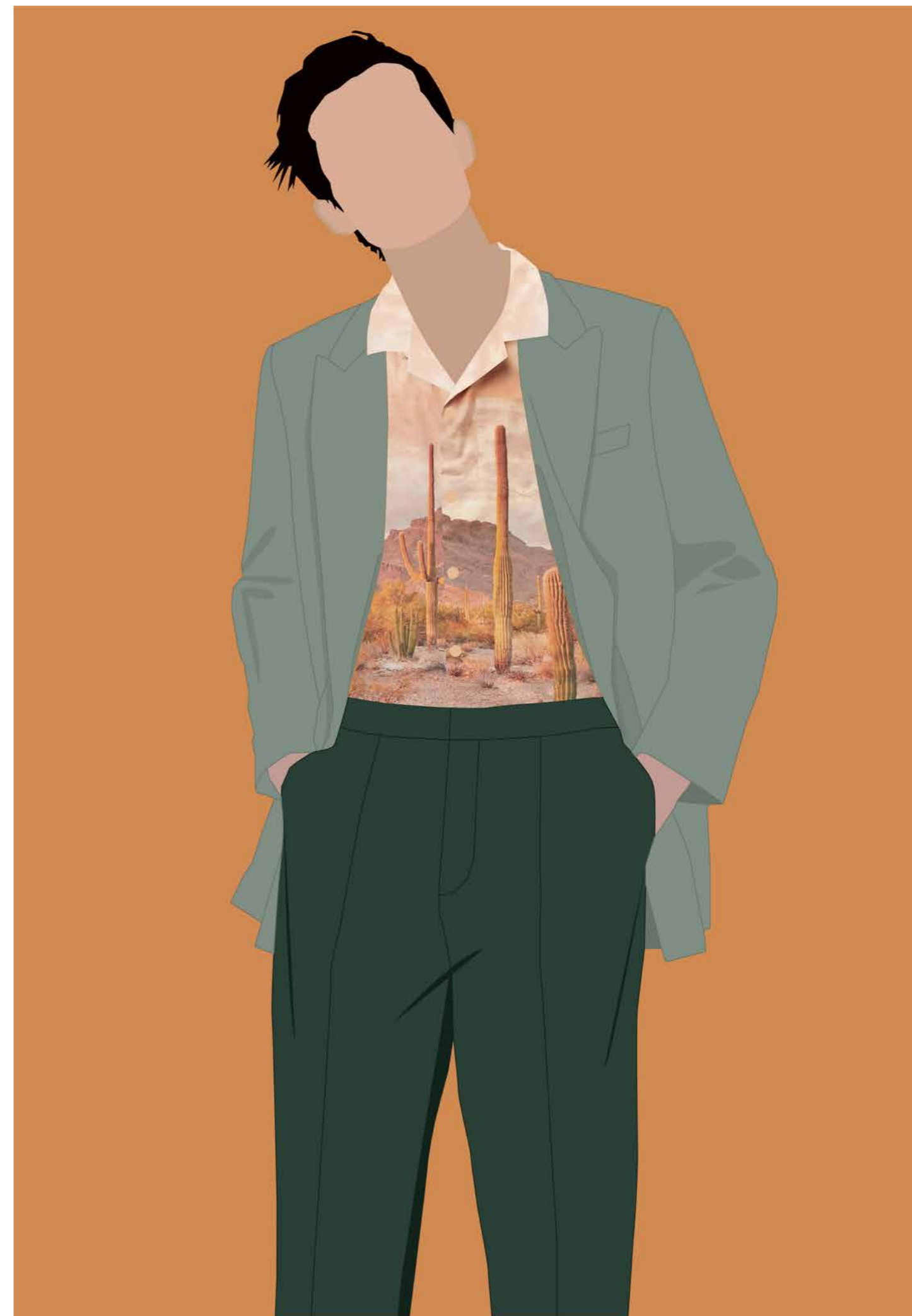
PC: Sim de facto nunca dei a conhecer este meu interesse. A ilustração sempre me atraiu, acho que desde o meu tempo de estudante. Tem sido uma experiência interessante, com o desenvolvimento das ilustrações neste primeiro mês, tenho tido a oportunidade para explorar novas técnicas e perceber que tem muito para crescer.

A evolução tem sido gradual, os seguidores tem aumentado de dia para dia, as mensagens tem sido várias e inesperadas. Pessoas que perguntam se vendo as ilustrações, se dou curso para ensinar a criar este tipo de ilustrações, algumas marcas têm colocado likes, exemplos como Helmut Lang, Jonathan W Anderson, Alexander McQueen, Affix entre outras, tem aberto novas perspetivas futuras, balanço positivo neste início.

São ilustrações quase técnicas, sem que não deixe de estar um cunho de desenho pessoal. No entanto ficamos sem perceber o que pesa mais nas tuas decisões quando os publicas, o desenho ou o styling?

Este tipo de ilustração é vectorial, usando apenas um programa Adobe Illustrator. O trabalho desenvolvido em cada proposta parte sempre de diferentes factores, pode ser uma peça que vejo em determinada marca, da pose do modelo, da cor ou grafismo, não sigo uma regra à partida. Na criação de cada ilustração existe sempre algo que quero apresentar, tenho encontrado algumas temáticas com o *twins*, *vintage*, e espero que no futuro possam aparecer outras.

↓
entrevista completa em
www.parqmag.com

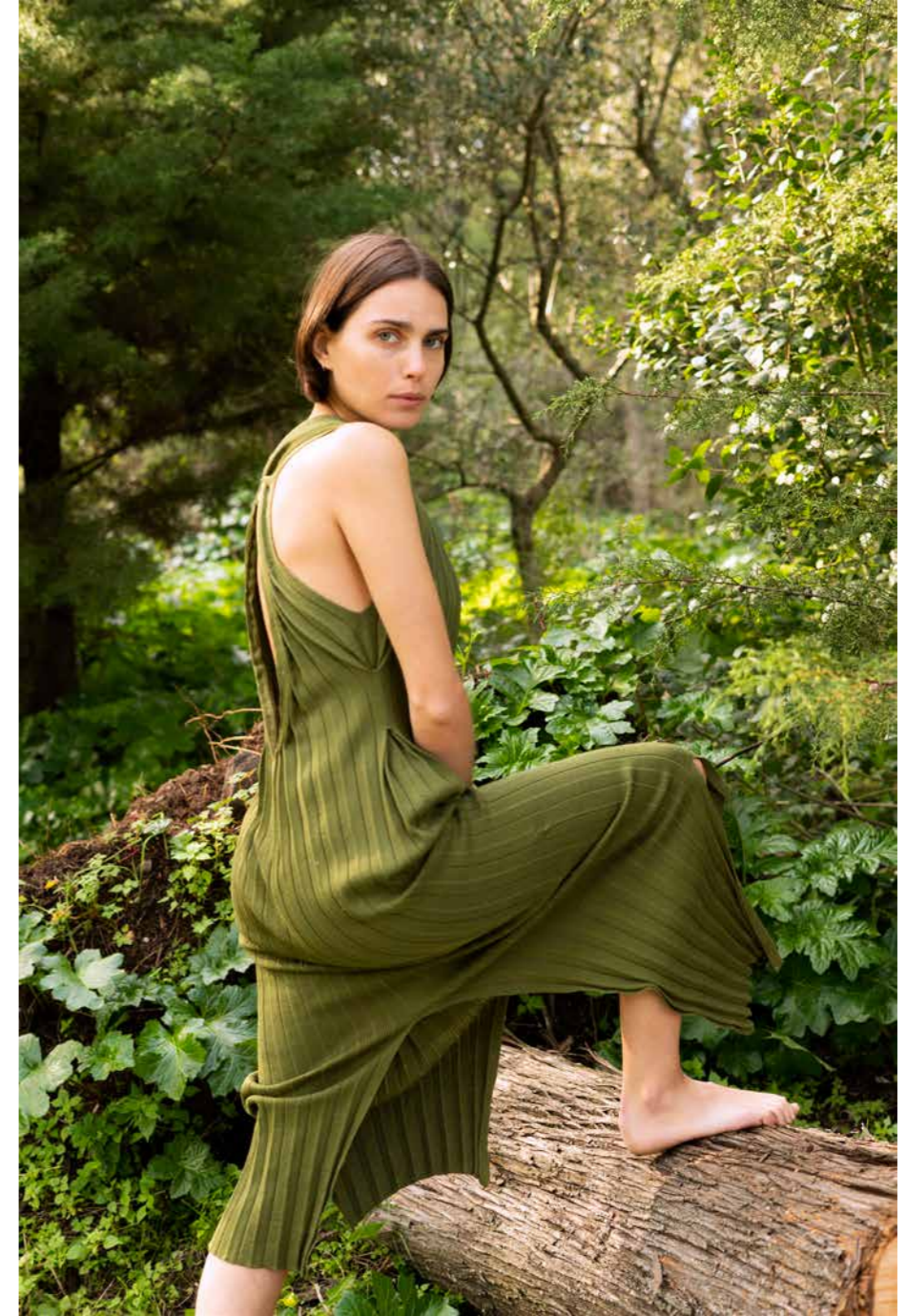
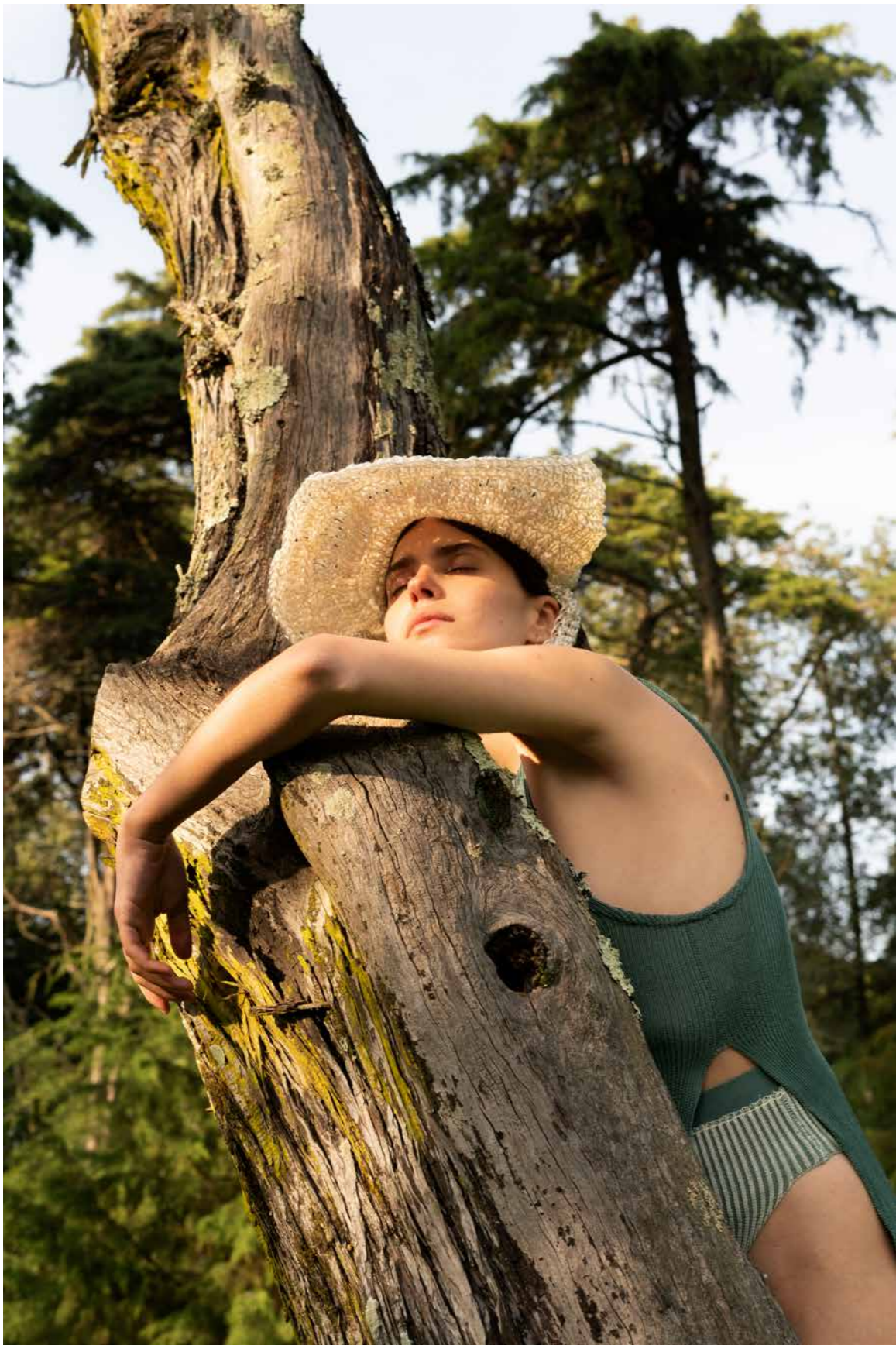


texto por Sara Pereira

O designer inglês ARCHIE DICKENS apresentou a sua nova coleção SS20 com foco na sustentabilidade e em Lisboa, capital verde em 2020. DICKENS estudou Moda em Londres, na célebre Central Saint Martins, durante o Foundation Year e mais tarde no Chelsea College of Arts. É nessa universidade que começa a interessar-se pelo desenvolvimento de malhas: “Permite-me desenvolver uma técnica própria e ter uma liberdade enorme ao mesmo tempo”, afirma o criador. De modo a aprofundar os conhecimentos frequentou o Mestrado na Royal College of Art, onde se especializou na criação de materiais além da conceção de vestuário. Apesar de dar aulas de moda, styling e têxteis na escola de verão da Central Saint Martins, é na capital portuguesa que se instala para produzir as suas peças. Em março de 2019, apresentou a coleção *FLUXO* na *ModaLisboa* e foi premiado com o *The Feeling Room* no concurso “*Sangue Novo*”.

“*Sapal - Da Mata ao Mar*” é o nome da sua nova criação e esta é inspirada na cor verde, na proximidade do mar. As peças são feitas no atelier do designer, em Lisboa e combinam instinto, artesanato e materiais de luxo e tem como objetivo serem duráveis. Exemplo disso é o chapéu verde único da coleção que demorou três semanas a ser tecido pelo designer e que foi criado para durar uma vida. Tem, acima de tudo, uma mensagem política e uma vontade revolucionária de mudar consciências – dos criadores, dos consumidores. “Temos de mudar a maneira como compramos, como gastamos, desperdiçamos”, reflete o designer. “Temos de respeitar o mundo à nossa volta e acima de tudo, garantir um futuro mais sustentável. Esta é a mensagem da minha marca, que tentei reforçar com esta nova campanha.” ARCHIE DICKENS quer mudar a indústria da moda e abraçar o futuro com as suas escolhas.







texto por Daniel Bento
fotos por Frederico OM

BEHÉN ganha vida através da visão singular de JOANA DUARTE. Numa tentativa de desafiar a cultura de desperdício na moda, este projeto experimental procura estudar a potencialidade de tecidos antigos. A criação das suas peças únicas parte da reutilização de têxteis, toalhas, colchas e outros objetos provenientes de baús que encapsulam narrativas ainda escondidas. Numa ode à feminilidade, a marca reveste-se de um espírito que retrata a conexão existente entre comunidades e foca-se sempre na força da criação artesanal para unir mulheres e locais distantes. Almeja-se a expansão de possibilidades, com a multiculturalidade como motor, sem se esquecer a profundidade da cultura portuguesa. Apostando na fertilidade de tecidos com histórias já contadas e com histórias ainda por contar, JOANA DUARTE prova que a moda pode ser um veículo de mudança e representar a magia, a beleza e o amor emanados por peças construídas através de terras longínquas e de sonhos partilhados.



↓
fotos campanha Behén





↓
fotos backstage Behén
na ModaLisboa



texto por Maria São Miguel

Desafiamos um grupo de jovens estudantes do curso de produção de moda, *styling* e *makeup* da ETIC a fazer uma interpretação do espírito da coleção FILA para esta estação. Tinham que ter em atenção que a FILA apresenta silhuetas desportivas com referências ao seu passado ímpar, intimamente ligado ao mundo do ténis. As suas primeiras linhas inspiram-se na década de 70 e nos seus padrões listados e axadrezados, procurando elevar o fato de treino a verdadeiro *statement* de moda. Proporcionando um ajuste descontraído e atlético, mas de aparência elegante, a linha *Tartan Check* apresenta um *design* padronizado e detalhes gravados em diversas silhuetas que vão além do fato de treino, como um macacão ou um vestido. A linha é ainda complementada com vários acessórios como bonés ou malas no mesmo padrão e com ténis favoritos como o intemporal *Arcade* ou os incontornáveis *Disruptor*.

Outra das novidades da coleção, que mantém o foco na elevação de silhuetas casuais e desportivas, são as novas linhas *Heritage*. Vão do estilo *preppy* até ao revivalismo dos anos 60 e 70, sempre com um toque desportivo. Tons neutros, logotipo em relevo e detalhes inesperados, prometem elevar qualquer *look* de *streetwear* a novas alturas.

Fila by PARQ
 coordenação
 ETIC e SIMONNE DORET

fotografia
 JOÃO PAULO

styling
 curso de Moda ETIC

www.fila.com
 www.etic.pt

→
 production & styling
 JAQUELINE GOMES e
 MARGARIDA ALMENDRA

make-up
 CATARINA LÚCIO e
 CAROLINA BANDEIRA

hair
 JAQUELINE GOMES

modelo
 WHITNEY MONTEIRO (KARACTER MODELS)





↑
production & styling
MARISA FILIPE e MARIA JACOB

make-up & hair
ANA CORREIA e BEATRIZ OLIVEIRA

modelo
SAMUEL (KARACTER MODELS)



→
production & styling
FILIPA NOGUEIRA e HELEN MICHIELIN

make-up
INÊS VENÂNCIO e INÊS SANTANA

hair
INÊS SANTANA

modelo
SOFIA EMIKO (KARACTER MODELS)



↑
 production
 CAROLINA MELO
 e CATARINA VAN DEN AVYLE

styling
 MARGARIDA DO CARMO

make-up & hair
 MARIA JOANA CERDEIRA

modelo
 ALISHA (KARACTER MODELS)



→
 production
 SARA MELEÇAS
 e MELISSA NASCIMENTO

styling & make-up
 ADRIANA PRECIADO
 e ADRIANA MARTINS

hair
 ADRIANA PRECIADO

modelo
 WHITNEY MONTEIRO (KARACTER MODELS)

texto por Maria São Miguel

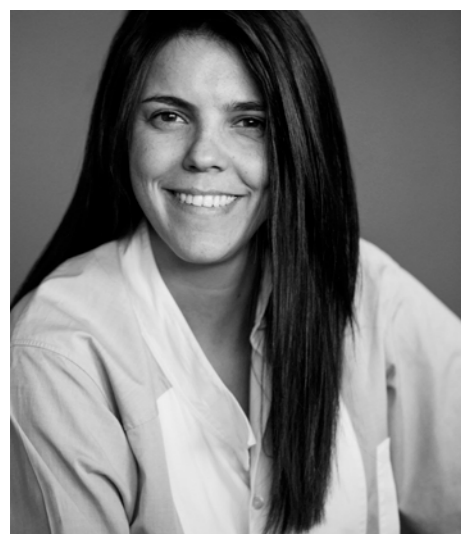
Iniciativa não falta aos portugueses e *know-how* também não, razões que fizeram PEDRO TAVARES, do grupo Just Fashion, fundar uma nova marca de *denim premium* alicerçada na sustentabilidade. A JUST.O e a sua irmã gémea MY FAIR BY JUST.O já andam por aí de mãos dadas a provar que quando queremos somos como os melhores. Esta estação lançaram a sua segunda coleção do ano e a grande experiência do grupo ao nível do retalho tem sido crucial na penetração no mercado nacional. Contudo advinham-se voos mais altos porque desde o início desenharam a marca para atingir o mercado de exportação. Tem vários argumentos fortes o que faz com que já tenha havido interesse de vários países europeus. A pensarem no segmento médio alto, oferecem no essencial um *denim* de alta qualidade, realizado com as melhores matérias primas disponíveis, designadamente de *denim*, como é o caso da CANDIANI, uma referência internacional. A par disso é um produto alicerçado no *Fair Trade&Craft* e *People Matters*, propósitos que a empresa viu como uma valia para a nova marca. Como referem é um produto em que conhecem as várias fases de produção, conhecem as pessoas que estão envolvidas e garantem que o processo de produção é digno e feito em locais em que sabem que são respeitadas todas as normas de trabalho justo, de salário, entre outras.



↓

entrevista completa em www.parqmag.com

texto por Sara Pereira



LOEWE lança este mês uma nova coleção cápsula, *Paula's Ibiza*. NURIA CRUELLES é a perfumista do novo perfume da coleção, o primeiro que cria para a LOEWE. Em Madrid, no dia do seu lançamento, falou-nos dessa criação, assim como do seu percurso profissional.

Primeiro de tudo gostaria de saber um pouco mais sobre ti. Como nasce esta paixão pela perfumaria?

N: Desde criança que me atraía tudo o que estava relacionado com o odor. Tudo o que eu cheirava cativava a minha atenção. Eu era colecionadora de perfumes porque eu amava as fragrâncias, tentava ter na minha coleção todos os perfumes do mercado, tinha tudo no meu quarto. Aos 17 anos, eu já queria ser uma criadora ou perfumista, mas não sabia se o podia ser, porque eu morava numa cidade muito pequena. Por isso o meu desafio inicial foi descobrir como chegar lá. Tem sido um grande caminho, às vezes sabemos onde queremos estar, mas não sabemos como lá chegar, mas eu tive sorte porque estudei muito a indústria internacional de perfumaria onde eu aprendi imensa coisa e hoje em dia sinto-me muito orgulhosa em estar na LOEWE, a única marca de luxo de perfumes em Espanha.

Sei que tiraste uma licenciatura em Química. Conta-me mais sobre este percurso. Porque escolheste a Química?

N: Bem... Não foi bem uma escolha, os perfumes estão relacionados com moléculas, com a destilação de odores naturais, com a descoberta de novos odores. Eu estudei Química Orgânica, porque me permite chegar a criação de novas moléculas. O meu olfato identifica os ingredientes que podem construir o puzzle e memoriza-os. Eu memorizo centenas e centenas de odores, sou como uma biblioteca, a minha cabeça está conectada com tudo. Quando eu cheiro alguma coisa ligo-o a várias coisas: à estrutura, ao

odor, como o posso ligar a outras coisas. Então para mim a Química foi um passo importante para me tornar uma criadora.

Trabalhaste para muitas empresas ao longo do teu percurso. Em 2018, comesas a tua jornada na LOEWE. Qual é a sensação de representar esta grande marca? O que significa para ti?

N: É um sonho... porque é a única e exclusiva marca de luxo de perfumaria em Espanha então ser uma perfumista aqui é uma grande responsabilidade, é mais do que estar só a criar perfumes, tem muito mais significado, é criar perfumes a pensar na história e ADN da marca, que é preciso salvaguardar, mas ao mesmo tempo construir algo contemporâneo.

Como estão a fazer essa transição do clássico para o contemporâneo, sem que a LOEWE perda a sua identidade e essência?

N: Existem várias aspetos como por exemplo a excelência da qualidade que é sinónimo desta marca. Estes valores não se podem perder. E não é só sobre a qualidade e excelência dos materiais dos ingredientes (dos naturais neste caso) mas é também estar consciente do planeta por isso é que para mim importante usar alguns ingredientes especiais que se relacionam com a oportunidade de ajudar famílias. É o exemplo do mandarim e da baunilha que selecionamos que já faz parte dos programas de ajuda de comunidades desfavorecidas.

É uma causa?

N: Exatamente, é a junção da qualidade, excelência, comprometimento para com as pessoas, com a sociedade, todos os que estão envolvidos. Não vendemos só produtos de luxo, é mais especial que isso.

Surge agora este novo perfume em colaboração com a *Paula's Ibiza*. Como foi o processo de criação desta fragrância?

N: Bem, a LOEWE tem esta colaboração com a *Paula's Ibiza* todos os verões. E o que este perfume quer

transmitir é aquilo que se passa em Ibiza. Em Ibiza tudo pode acontecer... O mistério, o deixar anda, é especial, como se estivesses dentro de uma bola onde podemos ser nós próprios. Eu tive sorte como desde criança que vou a Ibiza no verão porque os pais da minha melhor amiga são de lá. Ao cheirar esta fragrância, eu queria levar as pessoas até Ibiza, queria que as pessoas fechassem os olhos e pudessem sentir o ambiente místico, o sol, a brisa, o pavimento, a frescura. Todo este espírito tinha de estar nesta fragrância.

Então este perfume é o cheiro de Ibiza?

N: Exatamente. Escolhemos os melhores ingredientes para reproduzir esse cheiro.

E quais são as linhas de orientação deste perfume? Para quem é que a LOEWE criou este perfume?

N: Como podem ver toda a coleção é fluída e atual e apesar de ainda se falar em feminino e masculino hoje em dia não precisamos disto. Um homem pode usar esta perfume tanto como uma mulher. Se gostares desta fragrância, podes usá-la. E até nas cores quisemos transmitir isso, não tem género, é unissexo. Eu quis criar algo fresco para toda a gente que espalhe essa frescura.

Achas que um perfume é um complemento perfeito para uma pessoa? Mais do que um acessório?

N: Para mim sim porque hoje em dia nós pulverizamos perfume em tudo o que gostamos. Por exemplo, nós vestimo-nos de forma diferente durante o dia e quando vamos sair à noite, e o perfume complementa isso. Quando usamos um perfume sofisticado, sentimo-nos mais confiantes, mais



energéticos. É como um vestido. E às vezes há fragrâncias que são tão fortes que poderíamos sair à rua nus porque quando passamos num sítio, espalhamos algo especial e único, é pessoal, como uma aura. O perfume é algo que nos faz sentir confortáveis e seguros. Quando cheiramos bem e nos sentimos bem, conseguimos tudo na vida.

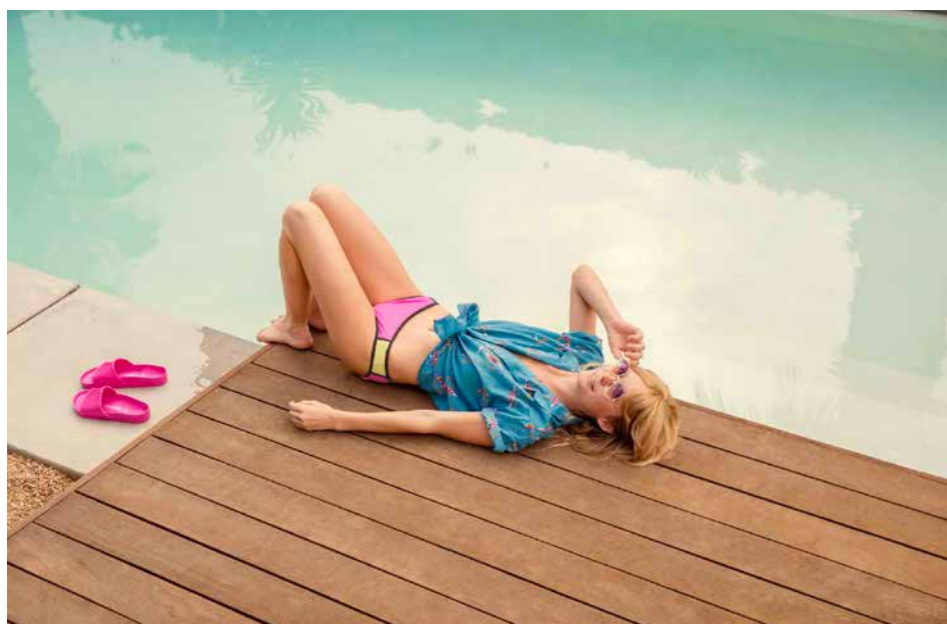
É como se nos sentíssemos mais poderosos e confiantes quando usamos perfume...

N: Isso mesmo. O cheiro para mim é algo que não se vê, mas está lá e faz-se sentir. É algo com um significado maior, como uma luz.

BIRKENSTOCK EVA

texto por Maria São Miguel

A linha *EVA* da BIRKENSTOCK, está de volta com muitas novidades e com os seus modelos unissexo super práticos e leves, em cores vivas que lembram os dias de sol e realçam a pele bronzeada. Seja para um dia de praia, mantendo o distanciamento e respeitando as indicações das autoridades, para uma tarde divertida em família na piscina, ou apenas para andar em casa, estas são as sandálias perfeitas já que são hiper confortáveis, amigas da água e muito versáteis. Fáceis de usar e também de lavar e higienizar, os modelos coloridos *EVA* limpam-se facilmente com simples passagem de água, ou com sabão ou detergente para uma lavagem mais profunda. Basta deixar uns minutos ao ar e já está, ficam como novas!



YOU MUST WEAR

CALVIN KLEIN

CK EVERYONE

texto por Liliana Pedro

Quebra fronteiras, definições e regras é o lema do renovado perfume *CK Everyone*. Composto por fragrâncias vegane e com ingredientes de origem natural, *CK Everyone* apresenta um aroma fresco e revitalizante. O frasco apresenta uma fita elástica que nos transporta de imediato para as icónicas peças de roupa CALVIN KLEIN.



LOUIS VUITTON

CALIFORNIA DREAM

texto por Liliana Pedro

California Dream é o novo perfume da LOUIS VUITTON. Mesmo a tempo da chegada do verão, esta fragrância promete uma frescura cítrica para os dias de calor. Com a assinatura de JACQUES CAVALIER, *California Dream* contém tangerina, pêra, ambreta, almíscar e benjoim.



JEAN PAUL GAULTIER

LE MALE PRIDE

texto por Liliana Pedro

Para celebrar a comunidade LGBT, JEAN PAUL GAULTIER lança uma edição limitada do perfume *Le Male Pride*. Com a missão clara de libertar o sexo masculino da convencionalidade, colocando em ênfase o seu lado mais sensual, esta fragrância mantém as notas de lavanda, menta e baunilha.



FOREO

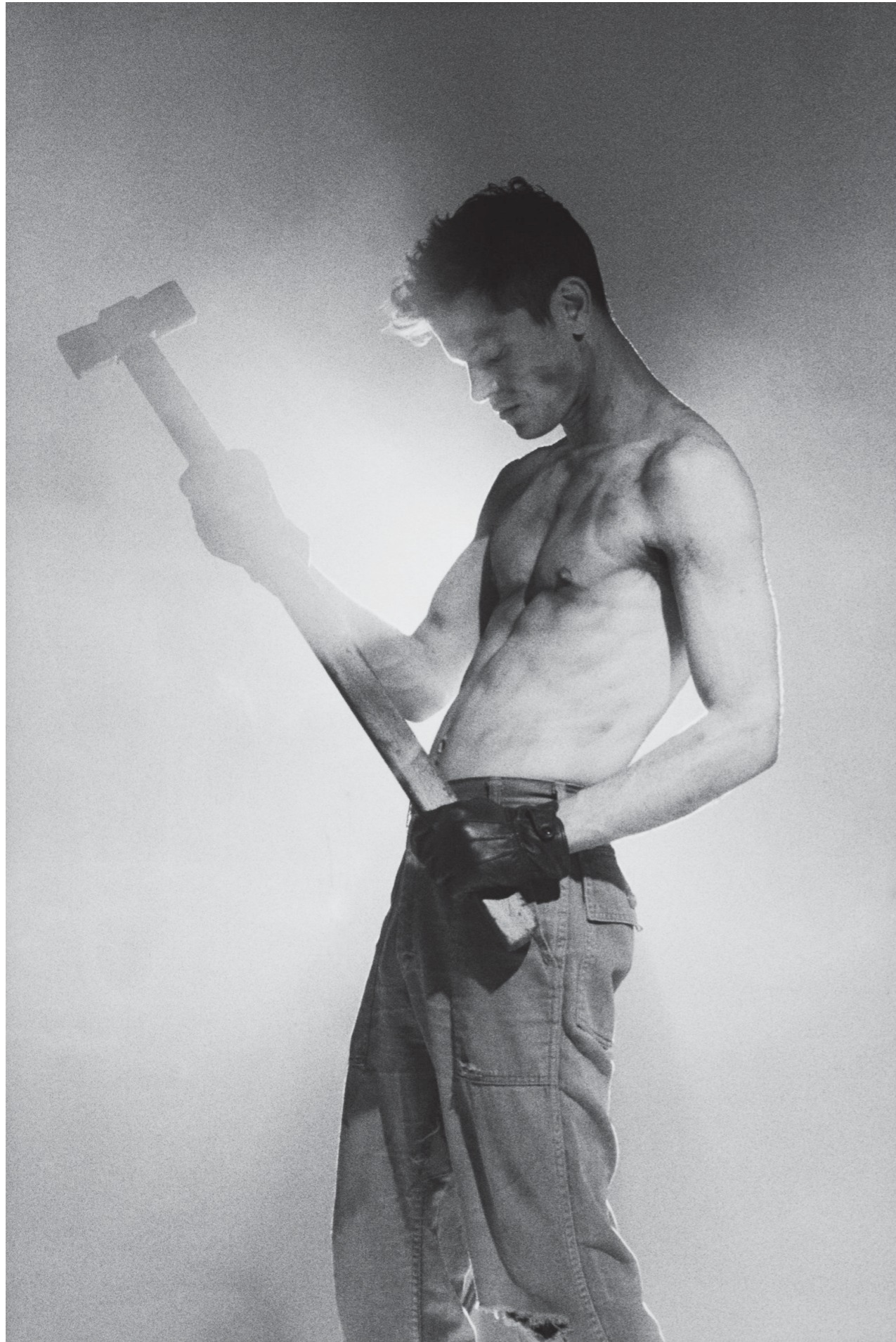
LUNA MINI 2 PLUS

texto por Liliana Pedro

A FOREO volta a inovar com *Luna mini 2 Plus*, uma versão melhorada da já conhecida *Luna mini 2*. Para além de limpar em profundidade, oferece uma massagem reafirmante. Em apenas 1 minuto é aumentada a microcirculação sanguínea e a pele fica visivelmente mais iluminada. *Luna mini 2 plus* é um exclusivo das lojas Sephora.



YOU MUST WEAR



RESGATE ATRAVÉS DO FOGO

PERFORMANCE GENIUS



O quinto disco de PERFUME GENIUS *Set My Heart on Fire Immediately* desnuda o maravilhoso mundo interior de MIKE HADREAS através de um conjunto de canções, que variam entre melodias magistrais e a surpreendente urgência de se exorcizar, em composições mais densas e complexas.

Juntando à produção de BLAKE MILLS um conjunto de músicos excepcionais, como o saxofonista SAM GENDEL e o baterista JIM KELTNER, conseguiram com este disco, um dos seus melhores registos. Se no seu último álbum, *No Shape*, o artista e a sua banda artilhavam uma experiência extrassensorial, neste consagram o corpo, a carne e a terra, enriquecendo a sua metamorfose com harmónio, sintetizadores e guitarras elétricas. O tom confessional deu lugar à afirmação. Nota-se ainda uma extraordinária mudança no alcance da sua voz, com maior controle, atingindo níveis, no seu timbre, até aqui inalcançáveis, desde o frágil falsete até notas translúcidas.

“*Jason*” é um bom exemplo dessa abordagem, onde a sua “vocalidade” quase sussurrante alterna com a mais aguda. Por sua vez em “*Leave*” o tom grave é assumido e acompanhado por coros espectrais e etéreos. Os violinos, e um coro surpreendente de lobos a latirem, socorrem o piano, como se um bellissimo sonho se transformasse em pesadelo. Por oposição em “*On the floor*” e “*Without you*”, imperam a leveza e a luminosidade. A voz e os demais instrumentos formam o par perfeito numa melodia contagiante, evocando os CHIC, mas com uma roupagem absolutamente atual. Não será de estranhar que “*On the floor*” tenha sido escolhido para single.

Quando o artista desce à realidade crua da fisicalidade, a sua paleta de cores escurece. “*Describe*”, encaixa perfeitamente na descrição. A sua voz tingiu-se de sujidade, como se tivesse adquirido pó, assumindo uma figura masculina estilizada, transpondo-nos para o universo de TOM OF FINLAND.

O balanço entre a solidez do corpo e a incorporeidade da alma é exprimida perfeitamente em “*Your Body Changes Everything*”. As percussões e a bateria ditam o rugido da batalha. Imbuído da mesma premissa encontramos “*Nothing at all*”, em que se pressente uma urgência carnal, um apelo para ser resgatado das amarras de si próprio.

“*Moonbend*” e “*Just a Touch*” são de uma fragilidade tocante e emocionalmente intimista. A primeira, aparentemente desprovida de superficialidade atira-nos para os braços do artista, para uma proximidade quase absoluta. Os tons suaves da voz e a orquestração calma da viola e das flautas produzem o desejo de um idílico passeio noturno por uma bela floresta.

Também ao nível da escrita, o disco encontra uma expressividade mais consciente e analítica, sendo por vezes frontal e carnal. É certo que a experiência do cantor tem sido bastante usada na sua discografia, sobretudo por ter sido uma espécie de purga pelos seus demónios experienciados com o bullying, a doença de Crohn, com a qual se debateu, e com a adição. A verdade é que aqui encontra uma outra dimensão, mais ampla e fora de si, sobretudo pela sua recente experiência enquanto bailarino na peça *The Sun Still Burns Here* com a coreógrafa KATE WALLICH, e que tão bem espelhou no tema “*Your body changes everything*”.

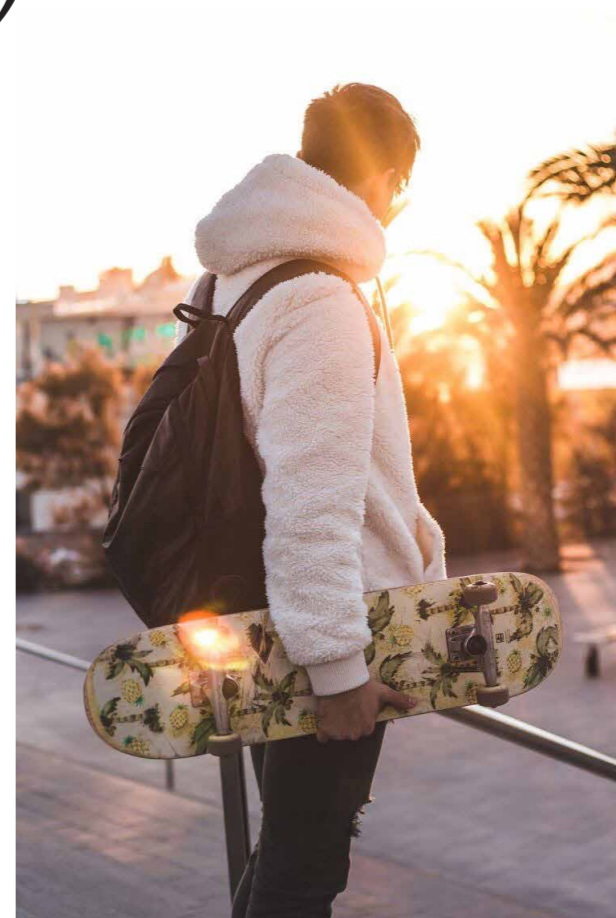
Embora o título do álbum sugira uma explosão de sentidos e ritmos, a verdade é que o disco reflete uma profunda eclosão emocional. Dramático, por vezes sarcástico, mas frágil ao mesmo tempo. Os três últimos temas “*One more Time*”, “*Some Dream*” e “*Borrowed light*” anunciam o fecho perfeito, cruzando o dramatismo e a teatralidade, sobretudo em “*Some Dream*”. Não é de estranhar que a linguagem visual do disco reflita todas estas dimensões, a começar pela capa extensível aos vídeos dos singles “*Despite*” e “*On the Floor*”. Corpo frágil mas sujo de terra. Tronco nú, evidenciando a masculinidade através de um corpo magro mas forte, enfrentando a câmara, emocionalmente despido.

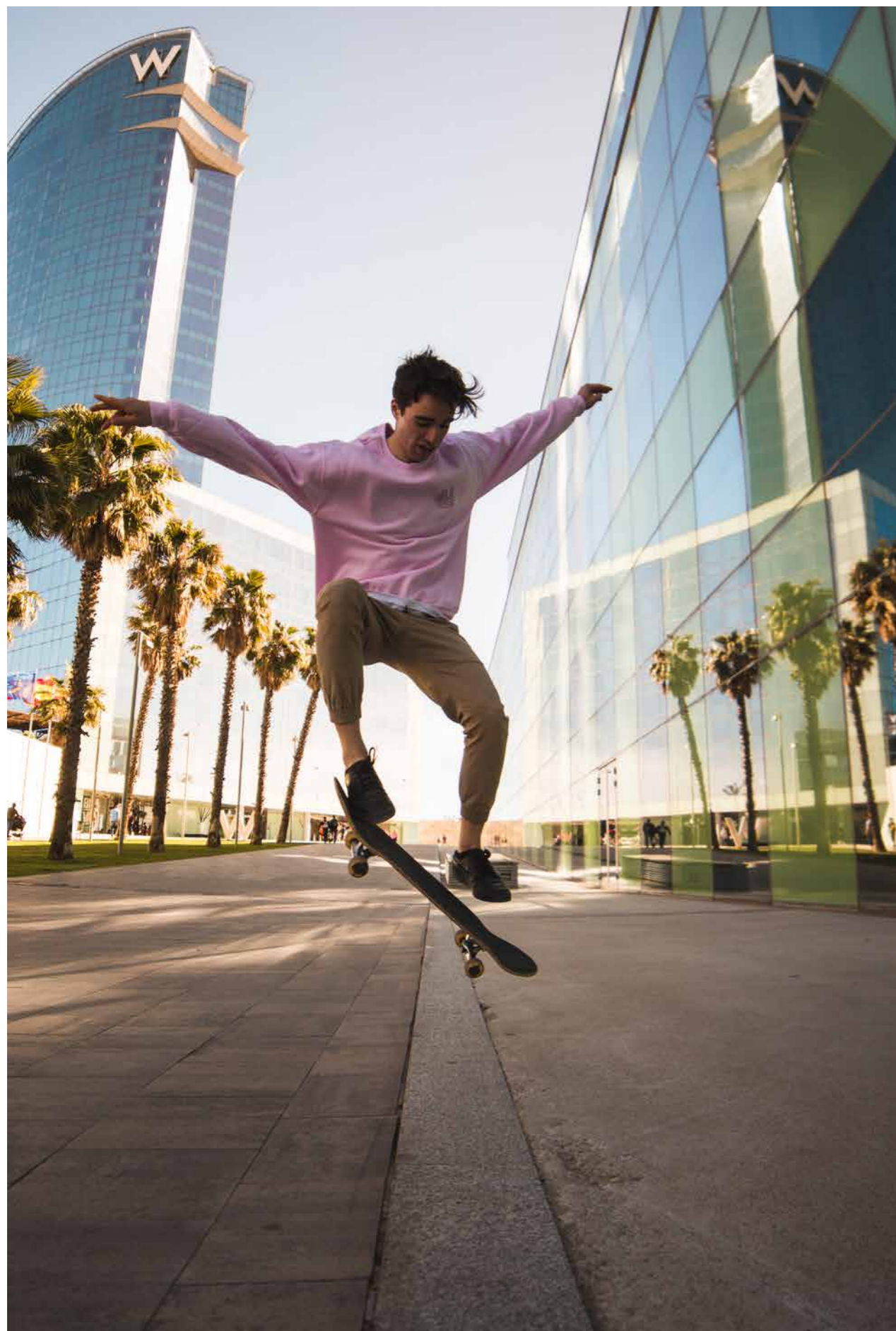
texto por Carlos Alberto Oliveira



BARCELONA

CAPITAL
DO SKATE





Nasceu na Califórnia nos anos 50, conquistou centenas de adeptos nos EUA e em poucos anos a cultura do skate já tinha alcançado outros pontos do globo. Berlim, Londres e Copenhaga foram emergindo como novos focos da prática, mas no início dos anos 2000 Barcelona ganhou particular destaque e relevância, sendo conhecida até hoje como a “Meca do skate”.

Na sequência de um período pós-franquista, das Olimpíadas de 1992 e do próprio Fórum das Culturas em 2004, em que urbanistas e arquitetos como ORIOL BOHIGAS redimensionaram a arquitetura e o desenho urbanístico barceloneses, a metrópole adequou-se perfeitamente à prática do streetstyle. Especialmente as chamadas “praças duras” – espaços sem vegetação e de piso plano onde predomina a estética vanguardista e os bancos, as escadas e as rampas são peças recorrentes.

A cidade mediterrânea possui uma arquitetura convidativa à prática do skateboarding, tem sol – uma condição quase sine qua non à prática deste desporto – durante todo o ano e é uma cidade historicamente aberta a movimentos de contracultura. Não será difícil de entender o porquê de se ter tornado num centro de skate mundialmente conhecido.

Impulsionados ainda pelo aumento das multas em São Francisco e pela saturação de alguns espaços em Londres, dezenas de skaters profissionais internacionais deslocam-se para o bairro do Raval (localizado no centro histórico de Barcelona) para viver e gravar vídeos promocionais das suas acrobacias para marcas internacionais.

A divulgação mundial desses vídeos publicitários, bem como o boca-a-boca entre os grandes profissionais fizeram disparar ainda mais a afluência de skaters pelas ruas de Barcelona. E espanhóis, alemães, dinamarqueses, norte-americanos... passaram a viajar para a capital catalã apenas para “skatar” nos Países Catalans, na Universitat e na Plaça dels Àngels.

A Plaça dels Àngels é a “Meca das Mecas”, fica mesmo à frente do MCBA – Museu de Arte Contemporânea de Barcelona – e classifica-se como um autêntico caldeirão de cultura. Moradores antigos, artistas urbanos, turistas... todo o tipo de cidadãos habita e circula por esta praça. Destacando-se, no entanto, a grande abundância de skaters, que se fazem ouvir ao virar das esquinas mais próximas.

O piso liso, o sol, a segurança e a comida acessível atraem desde skaters profissionais a jovens

aprendizes, de velhos a novos, homens e mulheres, locais e estrangeiros a esta praça, priorizando-a ante outros pontos como o Marbella Skatepark ou o Parc del Fòrum.

Todavia, a cultura do skate não se encerra nos skateparks e nos espaços urbanos não construídos para o efeito mas usados como tal. Skateparks, praças, ciclovias... Esta cultura estende-se às lojas de venda de materiais, a lojas de roupa, a cafés e bares temáticos. O mundo do skate barcelonês extrapola a prática em si mesma e orbita outros polos. Como o Hostel Sant Jordi junto à Sagrada Família ou o bar-café Nevermind Raval, em que existe, inclusive, uma pista de skate dentro do próprio estabelecimento.

Por explicar permanece a paradoxal relação entre os praticantes de skate e a as autoridades catalãs. Sendo a prática deste desporto considerada proibida em qualquer local que não as áreas destinadas ao efeito, com coimas que podem ultrapassar os 1000€, facto é que a aplicação de coimas não é frequente. A relação entre skaters e polícias é, de resto, bastante tranquila. A prática é considerada proibida, mas é paradoxalmente usada como forma de promoção da capital, através de competições e festivais que são realizados ao longo do ano, de vídeos promocionais da cidade... desenhou-se uma complexa relação simbiótica entre o Estado e os skaters que, apesar de contraditória, tem resultado para ambas as partes.

Várias vezes definida como um desporto, outras tantas encarada como uma prática artística direcionada a jovens, frequentemente associada a um estilo de vida ocioso ou de transgressão das ordens sociais, a verdade é que a cultura do skateboarding em Barcelona se qualifica como uma prática saudável e multicultural.

Trata-se de uma cultura que passa pela expressão através do vestuário, pela música e por uma atitude, mas sobretudo por uma ocupação ativa e criativa do espaço público. Contribuindo, em última instância, para a imagem de uma Barcelona pintada de diversidade, urbanismo sustentável e aberta às mais variadas formas de expressão.

texto por Diogo Graça
fotos por Jordi Domènech Navalón



Cinco sugestões de spots para andar de skate na capital catalã:

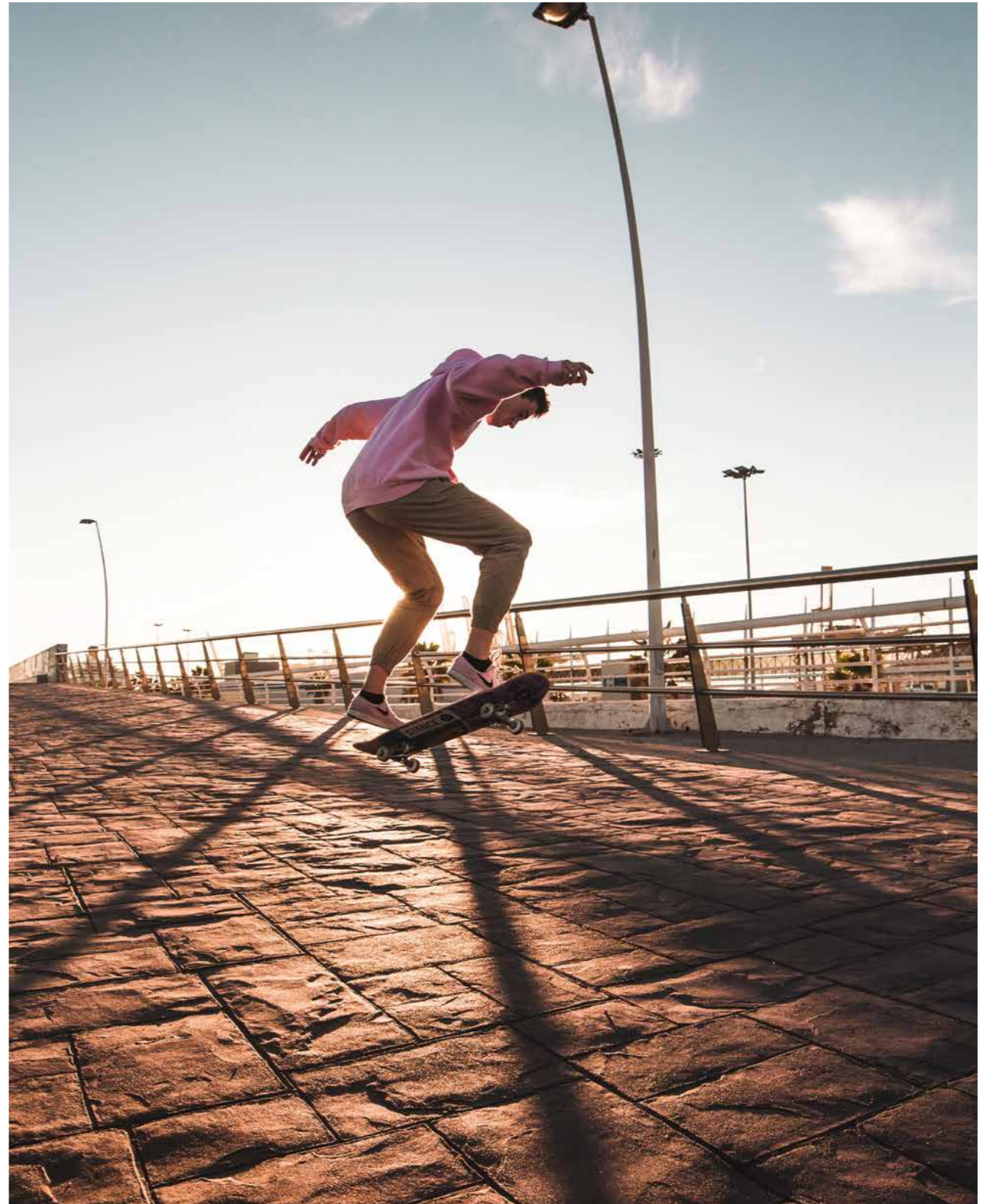
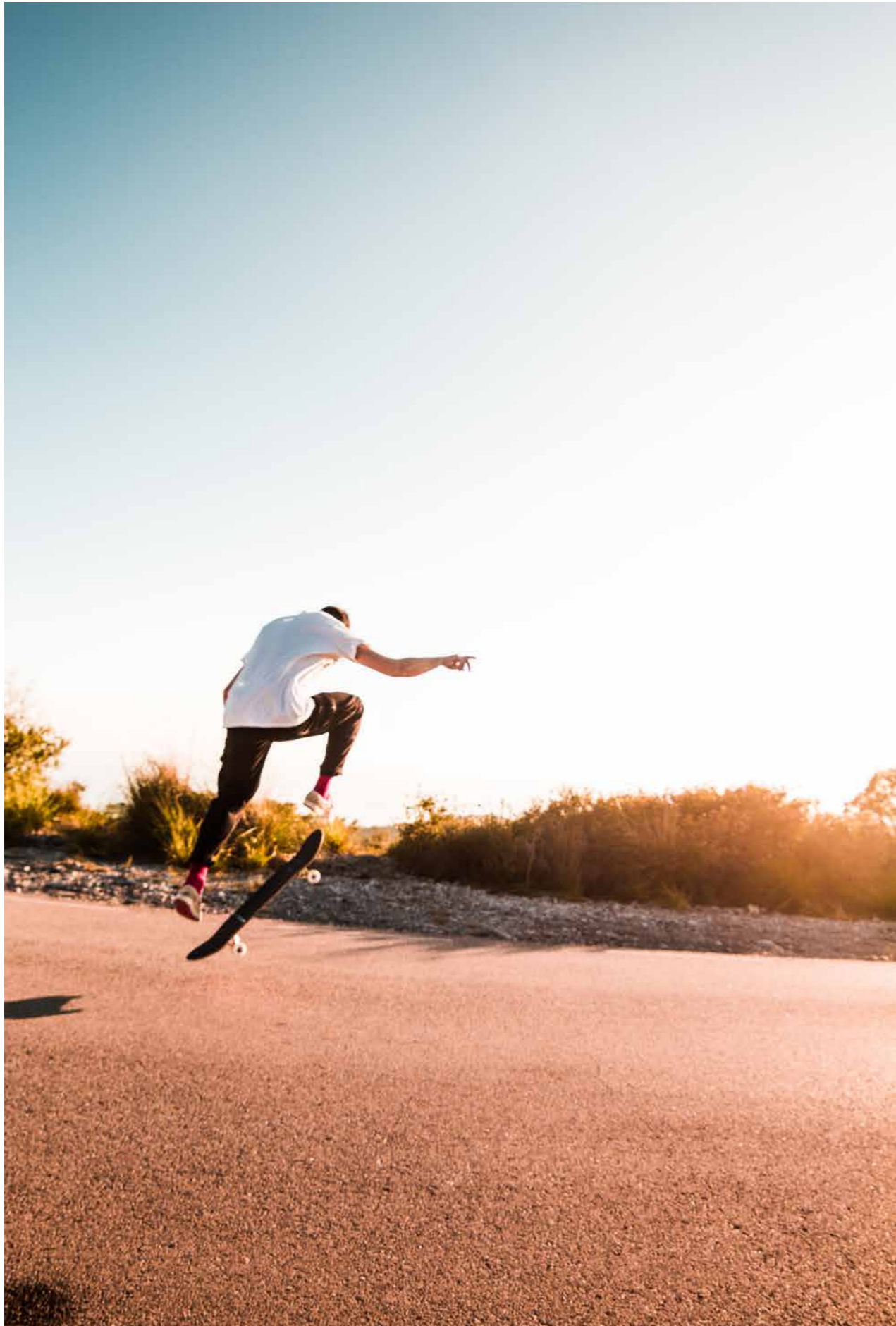
© MARBELLA SKATEPARK: perfeito para quem gosta de um skatepark de frente para o mar;

© PLAÇA DELS PAÏSOS CATALANS: um dos centros mais míticos e old school da cidade;

© PLAÇA DELS ÀNGELS: o mais frequentado e famoso dos espaços, um ex-líbris no centro histórico da cidade;

© NEVERMIND BAR: um bar noturno com uma pista de skate interior –indicado para uma experiência mais alternativa e descontraída;

© SKATE AGORA: um skatepark com quase 5000m² de dimensão, onde também se pode assistir a algumas das maiores competições europeias de skate;



MARIA
GAMBINA

MARIA
GAMBINA

MARIA
GAMBINA

MARIA
GAMBINA



MARIA GAMBINA é uma veterana no cenário de moda nacional. Aliando o caráter utilitário da streetwear à visão irreverente de quem se rege pelas suas próprias regras, a designer transforma a passerelle num palco que cruza as infindas referências que constituem o seu trabalho.

Do ensino ao design, é a sua vasta experiência que reveste a marca com uma identidade muito própria. Apesar dos anos se terem passado, as suas coleções continuam a ser expressivas e vibrantes, como se fossem marcadas por uma eterna juventude.

É essa mesma experiência que guia esta entrevista, numa viagem do passado ao presente da carreira de uma artista que continua a redefinir a moda em Portugal.

A sua última coleção foi acompanhada de mensagens políticas. Considera que a moda deve assumir um papel de intervenção social?

MDG: De certa forma, as mensagens políticas só foram reveladas após o desfile, no Instagram da marca. Nada foi óbvio e, de todo, procuravam a provocação. No entanto, todas elas transmitiam uma inquietude contemporânea que eu sinto e que me provoca tristeza, impotência e sufoco. Se a moda deve assumir um papel de intervenção social, o “deve” é algo que me assusta. Penso que o veículo para qualquer chamada de atenção deve ser genuíno e nunca para a ficar bem na fotografia. No entanto, na história da moda, são vários os casos em que as peças de vestuário tiveram esse papel de intervenção social. Lembro-me, por exemplo, da Zuzu Angel ter bordado nos seus vestidos mensagens de protesto contra a ditadura militar, vivida na época no Brasil, e chamar à atenção do mundo para o desaparecimento do seu filho militante que acabou por ser assassinado pelo governo.

Qual foi a principal mensagem que tentou transmitir através da coleção?

MDG: Nesta coleção, imaginei ser a nova diretora criativa da marca. Fiz uma pesquisa de todas as minhas coleções a fim de identificar o DNA da marca. Penso que a mensagem foi mesmo essa, a solidificação de todos os elementos que caracterizam e identificam a MARIA GAMBINA. A forma como sempre trabalhei os denims, pouco convencional e por vezes quase como alta-costura, a reinterpretar dos eternos clássicos como o *Bomber jacket*, o *Trucker*, o *Duffle coat* e o *Trench coat*, os tricots gráficos em ambientes old school, o jogo de falsas peças em layers imprevistos, o lado feminino de Princesas Urbanas e, claro, os estampados.

MDG: Percebi que sempre os trabalhei com palavras ou brincava com o nome da marca associando a outras marcas. Agora parece comum, mas em 1993 não era. Ou retirava frases de canções que gostava sem identificar as músicas, ou estampava a NIVEA e CRUNCH em Árabe só porque tinha ido à Tunísia e fiquei apaixonada pelo grafismo. Na minha coleção de Verão '19, por exemplo, estampeei sinais de trânsito associados à letra da música *Stop In The Name Of Love*, das SUPREMES, mas não foi pela canção, foi uma chamada de atenção à legalização do uso de armas nos Estados Unidos. De repente, parece que se começa a viver uma nova ditadura e a sobreposição do sinal proibido significava isso. É proibido proibir. De certa forma, descobri que havia sempre uma vontade com que o público se sentisse curioso com o que estava por trás, uma



vontade de partilha. Nesta coleção aconteceu isso mesmo, a vontade de partilhar assuntos da atualidade que me incomodam e, mais uma vez, apresentados de uma forma gráfica, pouco evidentes e que despertam curiosidade.

A sua apresentação mais recente, no Portugal Fashion, realizou-se sem público. Com o atual debate relativamente ao futuro dos desfiles de moda, qual é, para si, o papel dos desfiles no futuro?

CDG: Aí está uma questão que não sei responder. Penso que a forma como cada marca vai optar por comunicar deve-se direccionar, cada vez mais, para o seu tipo de público e acima de tudo para a tal mensagem, como marca, que quer passar.

Ao longo dos anos, foi-se desenvolvendo uma banalização. O público deixou de ir para ver e comprar, passou a ir para ser visto, mostrar que foi e está mais importado com os likes que vai ter do que o seu próprio like no que viu. Para mim, o formato de desfile à grande escala está ultrapassado. Tendo iniciado a sua trajetória no curso de Pintura, de que forma é que o design de moda surgiu no seu caminho?

CDG: Iniciei o curso de Pintura e o de Design de Moda exatamente ao mesmo tempo. Após terminar o 12º ano, concorri para o Curso de Design de Moda do CITEX, porque não tinha a certeza se entraria em Pintura nas Belas Artes. Nesse ano, não entrei em nenhum dos dois. Aproveitei para ter aulas de desenho, na Faculdade de Arquitectura do Porto, e no ano seguinte entrei em ambos. Durante um ano, frequentei o CITEX de dia e as Belas Artes à noite, o que foi extremamente exaustivo, pois o CITEX era muito exigente. Talvez tenha sido essa exigência, o sentir que estava em constante aprendizagem, aliado ao facto de ter vencido logo um concurso no meu primeiro ano do CITEX, o concurso *Coup de Lune*, assim como ser um curso mais curto, que acabou por me influenciar a desistir das Belas Artes.

Apercebeu-se, desde cedo, que era nas áreas criativas que se sentia confortável ou foi um processo demorado?

CDG: Quando andava na primária, em Oliveira de Azeméis, os meus pais foram chamados à escola para lhes transmitirem que eu devia ser acompanhada, individualmente, com aulas de desenho. Disseram-lhes que não era muito comum a forma detalhada como eu representava os meus desenhos. Representava aquilo que os outros não viam ou não davam importância e sempre com muito pormenor e bastante harmonia cromática. Como eu não ligava nada a isso, os meus pais acabaram por não seguir esse conselho e eu sonhava ser professora de ginástica e entrar em competições de ginástica artística. E assim foi, no 10º ano fui para a área de desporto. A meio do ano comecei a perceber que não gostava de biologia e que de ginástica artística não havia nada. Falei com os meus pais, que me deixaram desistir, e talvez porque a conversa da primária não lhes estivesse esquecida, não se opuseram quando optei por artes. No entanto, pensando agora melhor, penso que ginástica artística também tinha muito de criativo.

Desde a música até ao futebol, são diversas as referências presentes no seu trabalho. Como é que esta pluralidade de influências se enraizou nas suas peças?

CDG: A MARIA GAMBINA é um prolongamento de mim, de tudo o que sou e gosto. O que me estimula e me desperta está refletido em cada peça. A música sempre foi uma paixão e o desporto era a área que queria seguir. Da música tiro silhuetas, cores, movimento. Do desporto retiro detalhes, grafismos e materiais. Nem sempre é assim, já fiz uma coleção inspirada na minha cadela e até hoje é a minha preferida, mas confesso que em todas elas tenho que ter uma banda sonora na minha cabeça e não me consigo dissociar de ambientes de ginásios, campos de jogos, piscinas ou corridas.



As suas primeiras coleções são inspiradas no universo da rua e no streetwear. Como é que foi recebida no cenário de moda em Portugal, com ideais mais clássicos?

CDG: Antes pelo contrário. Quando apareci, o universo de rua e o streetwear nem surgiam como palavras na história da moda. No início dos anos 90, a moda era dark, tudo muito escuro, um alternativo romântico, mas melancólico e provocador. Claro que estou a falar de Portugal e dos sítios que eu frequentava, como o FRÁGIL em Lisboa e o ANIKI BOBÓ e o LÁ-LÁ-LÁ no Porto. Com a minha coleção de final de curso venci o 1º concurso do *Sangue Novo* da ModaLisboa. Era inspirada no meu pai que foi piloto da Força Aérea, coletes com mochilas incorporadas presas por pressintas laranja, forros estampados em nylon laranja, peças que se transformavam, fechos metálicos que assumiam um papel gráfico fundamental nas peças, materiais com acabamentos técnicos pouco usuais em peças de vestuário. Uma atitude muito descontraída, prática e divertida. Na segunda edição do concurso *Sangue Novo* tornei a vencer, com blusões acolchoados tricotados à mão em grossas lãs Poveiras. Assumi o corte e cose do lado exterior das peças, construí riscas em linha torçal (normalmente usada só nos denims) pespontadas sobre fazenda, utilizei nos interiores das peças grafismos que nos remetiam às barras gráficas dos equipamentos de desporto. Lembro-me que o meu trabalho se destacava pela diferença, por trazer elementos da rua e do desporto que não eram comuns se verem em peças de vestuário do uso diário. Pôr os manequins todos de sapatilhas não era uma coisa normal, usar cores garridas não era uma coisa normal, trabalhar materiais técnicos não era uma coisa normal, utilizar estampados não era uma coisa normal, fazer t-shirts não era uma coisa normal. Era tudo muito sério e eu trouxe alegria.

Quando é que começou a desenvolver este gosto pela streetwear?

CDG: Pois, não sei, acho que sempre fui assim. Sempre gostei de misturar tudo e não haver regras. Lembro-me que a minha irmã não gostava nada de brincar comigo às bonecas. Na altura dos lanches ou festas eu vestia a minha Nancy com o vestido de noiva, mas com as botas da neve ou com as calças de jogging e a camisola brilhante disco. Gozavam-me imenso e diziam-me que assim não brincava. Uma vez até bati numa amiga dela de tão irritada que fiquei.

Alguma vez sentiu que o seu compromisso com a streetwear e com o carácter utilitário da roupa afetou o seu potencial criativo?

CDG: Antes pelo contrário, acho que é bastante mais difícil.

Após um afastamento de cinco anos, voltou a apresentar coleções. O que motivou este regresso?

CDG: O facto de ter amadurecido para fazer da paixão do que crio o meu negócio. Hoje termos ferramentas que ajudam a uma maior divulgação e comunicação da marca foi o impulso.

Como é que o distanciamento da passerelle impactou o seu processo de criação?

CDG: Ao longo dos 5 anos em que me distanciei da passerelle dediquei-me ao ensino. Tive uma média de 30 alunos por ano, o que equivale a 150 coleções que orientei criativamente e ajudei a produzir. Nesses 5 anos nunca criei tanto em toda a minha vida. O distanciamento trouxe-me segurança no processo criativo.

É correto afirmar que a sua experiência no ensino moldou a sua ética de trabalho enquanto designer de moda?

CDG: Fui convidada a dar aulas no CITEX mal acabei o curso. Penso que é correto afirmar que a Gambina professora e a GAMBINA designer se fizeram uma à outra.

Qual é a melhor maneira de se comunicar com um público jovem?

CDG: Para ser sincera, não penso muito nisso. A comunicação da minha marca tem que refletir a identidade da mesma: gráfica, divertida, urbana e criativa. Mal de mim se pensasse que isso só se aplica aos jovens.

A marca apresenta uma linguagem bastante gráfica. Quais são os códigos que melhor caracterizam a sua identidade visual?

CDG: Nem sempre utilizo, mas o azul royal e o laranja identificam-me bem.

texto por Daniel Bento
fotos por Sal Nunkchov





CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO

SANDRO LOMINASHVILI



O design vive constantemente de reminiscências de estilos, de retornos ao passado, mais ou menos intencionais. SANDRO LOMINASHVILI, e a sua cadeira **1+1** fazem-nos recordar o design essencialista de meados de 1800. A cadeira **1+1**, tubular e negra, lembra as linhas sinuosas da emblemática *Thonet*. E restitui ao design, a fluidez, e a nobreza, evocadas no estilo, muito antigo, de Biedermeier.

LOMINASHVILI admite, em certa medida, que possa ter existido uma leve inspiração na cadeira *Thonet*. “A cadeira **1+1** tem quatro pernas multifuncionais”. Começam primeiro, as suas estruturas tubulares, por funcionar como pernas, e progridem, depois, em apoios de costas e braços. “De certo modo, o mesmo acontece com a cadeira *Thonet*, onde as pernas traseiras continuam como encosto. Então pode dizer-se que a cadeira **1+1** foi inspirada na cadeira *Thonet*”.

O designer concentrou-se sobretudo, para a realização deste projeto, na adição de funções às pernas da cadeira.

Num primeiro olhar sobre a cadeira somos conduzidos, por outro lado, a uma ideia de desconstrução do arquétipo de cadeira, da noção clássica da mesma. O espaldar é composto por uma forma aberta. Aberta, como em *SOL LE WITT*, e os seus cubos inacabados, que pretendemos completar.

Há um caminho funcional no objeto (a cadeira), mas ao mesmo tempo, não podemos ignorar a dimensão frutiva que é oferecida pela sua forma. Temos uma ideia de cadeira, se uma parte da sua estrutura aparentar incompletude, tendemos a procurar-lhe uma coerência, um sentido. Somos nós que a completamos, de certo modo. Como uma opera aberta. Somos nós, os utilizadores, e simultaneamente fruidores, que vamos acabar por dar um rumo à sua história.

Aparentemente inacabada, desafia as leis da percepção, e os princípios da boa forma. LOMINASHVILI quis entrar pelos caminhos da construção e desconstrução da ideia convencional que temos de uma cadeira. E se depois das múltiplas funções que o designer atribuiu à estrutura tubular ainda descobríssemos outras?

LOMINASHVILI, natural da Geórgia, ainda tem outros três objetos que merecem a nossa atenção: a cadeira **3/4**, as *Love Lamps* e a mesa *Light Table*.

texto por Carla Carbone



A IDEALIZAÇÃO DA MULHER

LOLA & REBECCA

@theboywiththemermaidtatoo

@itsbunnyhunny

Esta entrevista é uma forma de intervenção, o Zé e o Jorge aceitaram porque fazem parte daquela metade do mundo que acredita que podemos ser melhores. E para sermos melhores temos de falar, temos de ser livres. Aceitarmo-nos tal como somos e neste caso sem máscaras.

Com que idade é que começaram a ter interesse por roupas femininas, maquilhagem, etc?

JORGE (LOLA): Desde sempre que preferi roupa feminina. Lembro-me que desde os cinco anos que disse á minha mãe que queria ser eu a escolher a minha roupa. E ela disse-me: “Mas tu vais para a escola primária!” E eu insisti, queria ser eu a escolher. Sempre gostei de roupa feminina porque só morava como a minha mãe e a minha irmã. Elas sempre foram a minha referência.

ZÉ (REBECCA): Sempre fui louco. Não com a idade do Jorge, mas sempre quis escolher a minha roupa. Parecia uma maluca mas... Sei que o Jorge sempre foi mais monocromático, eu sempre fui mais doída. Sempre tive mulheres à minha volta e sempre quis vestir roupas mais femininas.

Acham que isso foi uma influência?

ZÉ (REBECCA): Eu acho que sim.

JORGE (LOLA): Veio da educação, quando somos pequeninos criamos os nossos ídolos. E os meus eram a minha mãe e a minha irmã. No meu caso tinha exemplos femininos e isso acabou por me fascinar. Não gosto do estereótipo de que os gays têm um mau relacionamento com o pai. Mas se os nossos ídolos são mulheres acabamos por apreciar mais esse género.

Pegando nessa questão de estereótipo.

O facto de serem criados por mulheres ou maioritariamente por mulheres não fez de vocês gays, apenas aborda a temática das roupas e do universo feminino.

A tua orientação sexual nada tem a ver com isso. Mas podemos falar disso?

JORGE (LOLA): Seres homossexual tu nascas, ser ou não feminino é que evoluí com o tempo. Seres feminino é algo que tu aprendes ou não.

Como é que os vossos pais viam esse vosso interesse e com que idade é que começaram a sentir que de alguma forma eram recriminados?

JORGE (LOLA): Eu acho que nós nem damos conta, às vezes está tão enraizado na cultura que só mais tarde é que percebemos o que é que as pessoas queriam dizer com este ou aquele comentário, ou com este ou aquele olhar. Mas está enraizado. Eu como sempre idolatrei a minha mãe e ela sempre foi muito protectora. A minha mãe sempre gostou que eu cuidasse da minha irmã, eu gostava de fazer roupas para a minha irmã. Mas ao mesmo tempo ela nunca gostou do que as outras pessoas pudessem pensar sobre mim. No entanto, ela achava bonita a minha relação com a minha irmã e valorizava-a. ZÉ (REBECCA): Os meus pais tiveram um café durante muito tempo, enquanto estiveram juntos. A minha mãe sempre se preocupou imenso sobre o que os outros iam dizer, mas ela comigo sempre foi super ok. Tínhamos uma relação bastante forte e dava-me mais com ela do que o meu pai. Mas sempre vivi rodeado de mulheres.

Acontece muitas vezes, o núcleo familiar mais próximo aceita tudo e lida bem, mas depois acaba por ser aquela tia, tio, primo ou parente mais afastado que acabam por causar algum mal-estar...

JORGE (LOLA): Sim, é verdade. Principalmente os elementos masculinos, no meu caso. O que é feminino era visto como sendo mais fraco. Mas eu sempre tive resposta. Diziam coisas como: “O meu amigo está a ver-te...porque é que estás a fazer esse gesto? Porque é que te vestes assim? Porque é que andas dessa maneira?” Eu como sempre vi o lado feminino como algo forte, não queria saber do que eles diziam ou pensavam. Como todos nós temos um lado egocêntrico, os elementos femininos quando me viam a ter um gesto parecido com o delas, era uma forma de elogio e protegiam-me. Agora aquilo a que é chamado de masculinidade tóxica é quando percebem que através dos nossos gestos e atitudes nós não os adoramos, nem os vemos como o sexo forte.

ZÉ (REBECCA): Como estás rodeado de mulheres como há pouco falávamos, acabas por ver a mulher como o sexo forte, é a figura mais imponente até. Eu sempre fui muito magro, sempre tive o rosto mais fino e uma vez quando eu tinha cerca de dez anos, estava numa reunião de família. Estava imensa gente na casa de uma tia mais velha e quando ela me viu perguntou: “Quem é esta menina?” E a minha mãe disse-lhe: “Tia, este é o Zezinho.” Era assim que me tratavam. E ela respondeu: “Tu és demasiado bonito para seres um

rapaz!” E eu senti que foi um elogio, mas a minha mãe ficou incomodada com a pergunta.

Ao longo da infância e adolescência, qual foi a parte menos boa? Ou o momento menos bom que gostavam de mudar?

ZÉ (REBECCA): Eu gostava de me ter descoberto mais cedo. Acho que tinha sido mais feliz. Tinha sido mais livre, acabas por não viver a 100% e hoje que estou à vontade com a minha vida, sinto que não preciso de esconder nada. Na minha adolescência sempre fui mais agressivo, ripostava quando me atacavam. Eu cresci na margem sul e na margem sul ou tu arranjas defesas ou então não tens hipótese. E eu sempre fui agressivo a todos os níveis. Era escusado tentares atacar-me porque eu virava-me sempre. Tem tudo a ver com a nossa educação e as nossas vivências.

JORGE(LOLA): Só me preocupo com a minha mãe, ela teme que eu fique triste por aquilo que as pessoas me dizem. Mas eu não fico, eu sei que ela fica preocupada comigo. Não gosto que ela tenha essa preocupação. Eu estava sempre a pensar que não podia fazer nada que deixasse a minha mãe preocupada. Eu sofri de bullying sim, mas nunca me senti à parte. Sempre tive amigos e pessoas que gostavam de mim, que sempre me adoraram por eu ser quem sou. Eu nunca precisei de me isolar, sempre tive alguém que me apoiava. Desde pequenino. Eu sempre tive o dom da palavra. Só bati uma vez num primo, numa noite de Natal porque ele passou a noite a gozar comigo. Avisei-o três vezes, até que lhe dei um pontapé e ele caiu em cima da mesa de Natal. Desde pequenino que percebi que a palavra tem muito mais força do que a violência. As pessoas muitas vezes são fracas, quando confrontas uma pessoa, ela perde porque não tem argumentos. Quando me diziam: “Corres como uma mulher...” Eu respondia: “Mas ela corre tão bem, por isso é que quero correr como ela.” E eles perdiam força, não tinham o que responder. Eu criava muito mais respeito pela palavra do que se recorresse á violência, se eu respondesse só com violência ía ser visto como uma bicha agressiva. Só ficavam com medo de mim e não ficavam mais cultos.

Zé, disseste que gostavas de te ter descoberto mais cedo. Porque é que achas que isso não aconteceu?

Por desconhecimento, medo...

ZÉ (REBECCA): Acho que foi mais por desconhecimento, sempre fui descontraído, nunca senti a necessidade de me assumir como alguma coisa. Se eu gosto, não acho que tenha de ser uma coisa que eu tenha de dizer ás pessoas. As pessoas não precisam de saber daquilo que eu gosto. Se eu gosto é

a mim que me interessa, nunca fui de me importar com o que os outros dizem. O que fez com que mais tarde acabasse por chocar com a minha mãe, porque ela se preocupava com o que os outros pensavam de mim.

A vossa família ou as pessoas á vossa volta tentaram de alguma forma que mudassem os vossos gostos quando eram crianças?

JORGE (LOLA): Acho que sim, de uma forma involuntária, é como o sonho da mãe que quer que o filho seja médico.

ZÉ (REBECCA): Elas querem sempre o melhor para nós e é por isso que o fazem de forma involuntária. Não o fazem por mal, é por desconhecimento das pessoas.

Com que idade é que se montaram como Drag pela primeira vez?

ZÉ (REBECCA): Fui eu que montei o Jorge pela primeira vez, quando ele tinha vinte e quatro ou vinte cinco anos. E eu devia ter para ai uns dezassete ou dezoito anos.

O que é que sentiram a primeira vez que se viram em Drag? Realização pessoal ou foi meramente profissional?

Contem-nos a vossa história.

JORGE (LOLA): No meu caso foi para trabalhar, eu já apanhei a fase Drag no mainstream. A arte Drag é muito completa, permite-me exprimir de diferentes formas. Eu sempre fui de ciências, a minha formação académica é de física. Sempre achei que podia fazer alguma coisa relacionada com artes. Eu não era bom cantor, nem era bom bailarino, nem magro o suficiente para ser modelo, percebes? Mas a arte Drag abrange estas áreas todas, por isso é que achei a arte tão fascinante. Resolvi experimentar para construir um personagem. Desde a primeira vez que o meu estilo evoluiu, mas é coerente.

ZÉ (REBECCA): Foi para experimentar. A minha experiência é diferente da do Jorge, eu quando vim para Lisboa foi para estudar moda e sempre me fascinei pela figura andrógena. Da imagem masculina com feições mais femininas e eu brincava com isso. A partir do momento em que eu me descobri fiz tudo o que quis, a mim tornou-me mais forte. Quando estudava em Lisboa voltava todos os dias para a Margem Sul com casacos de pêlo, com calças muito justas e plataformas. O meu Drag começou a vir daí, de querer vestir-me e a construir um personagem. A calçar saltos altos e maquilhagem completa, ao mesmo tempo que usava a minha barba e lábios carnudos, até para quebrar a construção de género que a sociedade tem. Hoje



em dia a minha personagem não tem pêlos, é muito feminina, como a minha idealização de deusa. A REBECCA é a imagem da mulher perfeita para mim. É a minha forma artística.

Como é o vosso dia-a-dia?

O vosso trabalho e vida diária?

ZÉ (REBECCA): Durante a semana é o cérebro que trabalha, nós como trabalhamos para o Trumps todas as semanas temos de estar de acordo com o tema e seguir esse tema. Temos sempre de andar à procura de coisas para o tema, durante a semana é o processo criativo e por vezes chega ao dia D, acho que não está bem e mudo tudo. Porque eu sou dessas! Sexta-feira acordo mais tarde, porque vou estar a noite toda a dançar. Já tenho o ritual de às sete da tarde começar a depilar-me, a tomar banho, normalmente já temos amigos cá em casa e alguém vai fazer uma pizza ou assim. Depois começo a maquilhar-me, demoro cerca de quatro horas ou mais. Já temos o nosso ritual, perto da meia noite começo a apressar-me. Pelas duas da manhã há uma reunião no Trumps e às duas e meia começamos. Depois é até às seis da manhã.

JORGE (LOLA): Durante a semana o trabalho é mais intenso, porque envolve pesquisa, estamos restringidos e são três noites por semana com temáticas diferentes. Tens de seguir essa temática e mesmo assim seres fiel à tua personagem. Por vezes, fazemos vídeos à sexta-feira e é preciso criar uma história para a tua personagem, nós esforçamo-nos bastante para essa construção. Isso torna-nos completas, por ser tão bem pensado. E depois temos low budget, o que nos obriga a sermos mais criativos. Também trocamos e emprestamos coisas umas às outras. E entre Drag Queens ajudamo-nos umas às outras. Temos a família Haus Of Bunnys. Há semanas em que temos shootings e isso acaba por dar mais trabalho, de vez em quando surge um evento ou outro.

Quais os principais obstáculos impostos pela sociedade às Drag Queens?

ZÉ (REBECCA): A nossa sociedade ainda tem uma mente pequena, as pessoas ainda não sabem o que é uma Drag. As pessoas se ouvirem falar numa Drag ainda associam a uma matrafona do Carnaval de Torres Vedras. Eles não estão à espera de ver uma imagem tão semelhante a uma mulher. Perguntam como é que é estamos tão bonitas sem termos traços masculinos. Acabas sempre por ver o espanto das pessoas. Hoje em dia as pessoas têm outra ideia através de uma PABLO VITTAR e as pessoas a mim confundem-me com a PABLO. Sou bonita, sou feminina, sou a PABLO VITTAR por termos uma silhueta idêntica. Quando é um tipo de Drag mais

criativo, no meu caso sou mais feminino, mas há milhões de formas de Drag Queens e não quer dizer, que por ter uma barba é uma má Drag. Cada Drag é diferente. No Trumps temos uma Drag barbuda, as pessoas dizem que não gostam comparado comigo e isso é horrível. É quase como uma discriminação. O Pedro fica lindíssimo, mas as pessoas não entendem.

JORGE (LOLA): O que a sociedade nos impõe é condicionado pela falta de educação e formação. E de um modo geral estão à espera de algo mais matrafão, ou pensam que nós não sabemos se queremos ser homens ou mulheres e que por isso andamos num limbo. É falta de formação. Drag é uma forma de arte tão grande, é uma arte performativa e artística.

Com maminhas, sem maminhas, com barba, sem barba. Acham que isso confunde?

ZÉ (REBECCA): Para mim depende do look. Eu estudei moda e adoro criar silhuetas. Depende do meu mood, do look que eu queira criar.

JORGE (LOLA): Tudo depende, tem tudo a ver com a personagem. Faço com e sem mamas, mas devido ao meu corpo fico melhor com mamas. Devido às minhas formas, é mais fácil criar uma silhueta ampulheta e feminina.

Em tempos de crise ou de uma pandemia como aquela que estamos a viver em 2020, todas as áreas foram afectadas, o meio artístico foi uma delas. São tempos difíceis e numa sociedade como aquela em que vivemos, se tu ou eu fossemos a uma entrevista para trabalhar num call center, possivelmente eu seria seleccionada. Independentemente das vossas habilitações. Por terem unhas compridas, cabelo comprido e um ar mais feminino. Isto é real? Como é que vocês reagem perante situações de injustiça social e preconceito?

ZÉ (REBECCA): Isso é normal acontecer. Já muitas pessoas passaram por isso. Mas nós temos tido sorte. Eu como sempre trabalhei no meio artístico nunca senti isso. Mas sei de várias pessoas a quem isso aconteceu e é triste.

JORGE (LOLA): Eu que trabalhava no mundo da óptica, sinto que na altura me escolheram por eu ser diferente. Foi uma mais valia. Um representante dessa marca escolheu-me para ser gerente de uma das lojas, por causa do meu estilo e pela forma como me expresso. Mas nem sempre é assim. No call center, como não estamos a ver a pessoa com quem vamos falar, tudo depende do preconceito da pessoa que te vai entrevistar.



Como é que vêm esta exclusão do mercado de trabalho? Não vos aconteceu, mas sabem que é uma realidade...

ZÉ (REBECCA): Claro que sim e lamentamos...

Existem rivalidades entre Drag Queens. Existe rivalidade em todas as profissões. Mas no vosso caso, como é que se percebe ou se manifesta essa rivalidade, competição?

JORGE (LOLA): A arte Drag está normalmente conectada ao shade que vem dos ballroom, que é nós estarmos a fazer pouco da outra pessoa, é uma coisa natural. Nós temos uma casa e nós fazemos shade umas às outras, parte da cultura Drag. O shade tem de ser inteligente. Eu não me importo que me façam shade, desde que venha de um sítio real ou para ter graça. Há pessoas que acham que shade é falar mal dos outros e isso não é shade. Chegares ao pé de mim e dizeres "estás horrorosa" isso não é shade, é seres maldosa. Há rivalidades em todas as profissões e tu para seres Drag tens de te achar a dona do pedaço, porque se assim não for nem funciona. Há casas rivais, o mundo gay é pequeno em Portugal.

ZÉ (REBECCA): Por vezes, existem atritos que não aconteceram na realidade, são só as pessoas a quererem arranjar conflitos. É desnecessário porque somos tão poucos.

JORGE (LOLA): Os gays já são um nicho, as Drag Queens já são o nicho do nicho e Drags em Lisboa são o nicho, do nicho, do nicho. Então, é estúpido haverem rivalidades. Há espaço para todos, aqui em Lisboa e em Portugal. As minhas irmãs Drags que são da minha casa, eu quero sempre que elas sejam ótimas. Porque se elas forem ótimas, então, estamos todos a ajudar-nos a sermos

melhores. Eu quero admirar e aprender com elas. A maquilhar melhor, dançar melhor. É um tipo de rivalidade, mas faz com que eu queira ser melhor e crescer como artista.

Como Drag Queens trabalham num clube, para um público que aprecia as vossas performances. Mas quais são as possibilidades ou oportunidades para uma Drag Queen em Portugal? O que podiam fazer mais para além de performances em clubes e que ainda não é feito?

JORGE (LOLA): Como Drag podes fazer muita coisa, podes fazer workshops de dança, de maquilhagem, de cabelos, de styling, fazermos de host em eventos, podemos estar a apresentar uma marca de roupa, de maquilhagem, etc.

ZÉ (REBECCA): Olhas para as Drags lá fora e elas desfilam, elas são maquilhadoras profissionais a trabalharem em grandes revistas e depois em Portugal não há grandes opções. Em Portugal estão agora a aparecer os brunches.

Por palavras vossas, expliquem por favor:

Drag Queen: É uma arte.

Travesti: Travesti é a palavra utilizada para menosprezar uma Drag Queen que não seja tão boa. É associado a um homem que se veste de mulher, sem ser de uma forma profissional. A palavra está associado a algo menos positivo, como a prostituição. Tem conotação negativa.

Transformista: Transformista e Drag Queen é a mesma coisa. Transformista é o termo associado ao Drag do Finalmente, as purpurinas, as lantejoulas, aquele montar de Drag como se fosse para as revistas. Transformista é Drag mas em português.

Transsexual: Envolve género e mudança de sexo, não tem a ver com a arte Drag. Pode experimentar a arte Drag para autoconhecimento, para saberes como te sentes nessa pele. Mas está apenas relacionado com o género e não com a arte.

Actualmente existe a ideia de glamour associada às Drag Queens, mas nem sempre foi assim. Os ataques físicos e verbais continuam a existir, como é que se lida com isso?

ZÉ (REBECCA): Eu retribuo, não devo nada a ninguém.

JORGE (LOLA): Eu não quero saber, ignoro. Só dou valor à opinião das pessoas que eu gosto. Nós gays já temos muitas barreiras, muitas camadas e sempre tivemos de quebrar essas barreiras, portanto, não podemos deixar que tudo nos afecte. Ganha-se muito na vida pela maneira como se fala, sem usar a violência como arma.

Alguma vez sentiram medo?

ZÉ (REBECCA): Claro que sim! Eu já vi estrangeiros a serem agredidos só porque eram gays. Eu coloco cara de má e mesmo que tenha medo, ninguém vai saber.

JORGE (LOLA): O sítio onde sinto medo é na zona do Cais Do Sodré e Santos. No Cais e em Santos talvez por serem lugares mais hétero normativos, já senti medo quando fui montado de Drag e quando não estava montado de Drag. Só por ser gay. Uma vez, até defendi um miúdo no McDonald's de Santos que estava a ser gozado e ameaçado por ser gay. Não me sinto confortável, sinto-me perseguido nessas zonas.

Que conselhos é que podem dar aos jovens que de alguma forma se sentem diferentes, excluídos e têm uma enorme vontade de se descobrirem através de roupas mais femininas no caso dos rapazes e de roupas mais masculinas no caso das raparigas?

JORGE (LOLA): Informem-se, porque ter informação é tudo. Procurem bons exemplos. E foquem-se nas pessoas que estão confortáveis por serem quem são. Se nem o teu corpo tem o sexo definido quando tu já vens com uma genitália pré-definida, não é a roupa que te deve definir. Sejam vocês próprios. Nada é só masculino, nada é só feminino.

ZÉ (REBECCA): Uma coisa que ajuda muito é seres verdadeiro contigo mesmo, para te sentires livre. E também para aqueles que te rodeiam. Quando contamos a aqueles que nos rodeiam é completamente diferente, tudo muda também. Sentes-te mais à vontade para seres quem queres ser, protege-te saber que as pessoas que amas sabem das tuas escolhas e te aceitam por seres quem és.

Que conselhos é que podem dar aos pais desses mesmos jovens?

JORGE (LOLA): Informem-se. A minha irmã quando soube que eu era Drag Queen, ela foi procurar informação.

ZÉ (REBECCA): As pessoas têm que ter noção que mesmo que os seus filhos não tenham os mesmos gostos e preferências que os pais, no final do dia eles continuam a ser os filhos deles.

Como é que gostavam que vos vissem e o que gostavam de dizer a todas as pessoas que de alguma forma são preconceituosas relativamente a Drag Queens?

JORGE (LOLA): O que eu mais gosto na minha Drag é ser um exemplo para as pessoas serem livres e serem quem querem ser. E eu sei que passo essa

mensagem e isso deixa-me feliz. Há uma menina que até já fez uma tatuagem da minha Lola e ela não representa só a minha Lola, representa a arte de te expressares.

ZÉ (REBECCA): Acho que as pessoas antes de falarem do que quer que seja deviam informar-se. Se querem saber e ver o que é uma Drag Queen vão até ao nosso local de trabalho, vejam-nos a performar. Vejam o que nós fazemos e depois podem formar a vossa opinião.

O meu mais sincero agradecimento ao ZÉ e ao JORGE, são um verdadeiro exemplo. Como seres humanos e profissionais. Já nos cruzámos mais do que uma vez por razões profissionais e para mim foi um privilégio estar cerca de duas horas a conversar com eles. Com toda a honestidade e simplicidade do mundo, sempre que estamos juntos sinto que aprendo mais.

Acredito que nós podemos mudar o mundo através do amor. Quando há amor, procuramos respostas. Quando há ódio, procuramos apenas desculpas. Esta entrevista é dedicada a todas as Drag Queens que ao longo dos anos têm evoluído e com ou sem medo, dedicam-se e vivem para a arte. É preciso muito amor para se dedicar a uma arte que ainda sofre de enorme preconceito nos dias de hoje. Dedico esta entrevista a todas as pessoas que estão em cima do muro à procura de respostas. Dedico esta entrevista a todos os pais que aceitam os seus filhos, independentemente das suas escolhas. Dedico esta entrevista a todos os que estão dispostos a quebrar barreiras, a aprender e eliminar o preconceito. Esta entrevista tem como objectivo educar e aprendermos todos juntos. Junho é o mês do Pride e todos nós devemos ser orgulhosos de sermos quem somos. Seja connosco ou com o mundo, a paz será sempre uma opção. Sejam felizes!

entrevista por Patrícia César Vicente
fotos por Joana Pereira @batata_casada

INOCÊNCIA INDECENTE

LOLA'S

QUARANTINE

DIREÇÃO DE ARTE, STYLING E DÉCOR:

ADDICTED PRODUCTIONS (@addicted.prod)

FOTOGRAFIA: PEDRO LEOTE (@wide.boy)

MAKE-UP & HAIR: SARA PETERSON (@makeupbypeterson)

VIDEO: BASTO FERREIRA (@martim_basto_ferreira)

LOLA: CAROLINA CARVALHO

TEXTO: PATRÍCIA CÉSAR VICENTE

↳
© óculos CHRISTIAN DIOR na
Wide Shades (@wide_shades),
plumas e brincos ATELIER MISS SUZIE



A minha vida vai ser mais, muito mais do que aquilo que sonharam para mim. Eu já sei até onde posso ir e aonde vou chegar. Sou o desejo e a inocência. A forma perfeita de eles se abstraírem de um mundo que julgam ser só deles. Se por um lado os adoro e preciso deles para realizar os meus sonhos, por outro lado é a minha forma de sentir que tenho poder. Eu tenho total controlo sobre mim. E já agora, sobre eles também. Alguns são queridos, de outros até tenho pena. Presos em casamentos falhados desde o dia em que disseram o sim. A posição e o dinheiro falam sempre mais alto para toda a gente. Decidi que para mim também seria assim. Os homens devem ser usados para não sermos nós usadas. Mas nem sempre pensei assim, na minha verdadeira idade da inocência.



←
© lenço da produção,
bikini BLUEMAN, calças RELISH,
acessórios ATELIER MISS SUZIE

O meu pai foi-se embora de casa quando eu tinha sete anos. A minha mãe teve dois trabalhos, sujeita a abusos e humilhações constantes. Pelos patrões, pelas senhoras, pelos doutores e pelas senhoras professoras. A minha tia era espancada à frente dos filhos, até ao dia em que ele encontrou outra mais nova para chamar de mulher. Eu cresci com a minha mãe, a minha tia e os meus primos. Hoje vivo no centro da cidade, numa zona cara. Quando era pequena passava por aqui de autocarro com a minha mãe. Geralmente quando ela não tinha com quem me deixar e se via obrigada a levar-me com ela para as casas de pessoas importantes, onde ela fazia limpezas. Eu via as donas dessas casas. Sabiam arranjar-se, sabiam estar, sabiam falar, sabiam andar de uma forma que me fascinava. Eu sempre quis ser como elas, mas acho que me tornei ainda melhor.



←
© lenço da produção,
bikini BLUEMAN, calças RELISH,
acessórios ATELIER MISS SUZIE

Ele tem sessenta e dois anos, fala como se fosse o dono do mundo. Só tenho de me sentar ao colo dele, enquanto ele fala sobre o filho mais novo que não passa de um menino mimado e da filha mais velha que se tornou tão fútil como a mãe. Sirvo-lhe outro copo, ele atende chamadas, sentado no sofá, olha para mim. Sou a mulher que eles gostavam de ter, mas só podem ter de vez em quando. Faz parte do meu encanto. Quanto mais os ouço, mais me apercebo de como o mundo é injusto. E é por isso que faço o que faço, sem culpa. Decidi fazer justiça por mim e para mim. Eu não tinha como pagar uma faculdade com o trabalho que tinha no call center. Um dia a Inês disse-me que eu era bonita, que tinha

o corpo perfeito e o tom de voz ideal. Discretamente comecei a ver como ela fazia, eu também podia fazer o mesmo. Comecei a atender chamadas num telemóvel descartável. Hoje em dia eles compram-me o telemóvel que eu quiser. Pagam as minhas contas, oferecem-me presentes que nem dois anos de trabalho como empregada doméstica chegavam para os poder comprar. Eu não serei como a minha mãe, nem como a minha tia. Eles sentem a minha falta, gostam de sentir que me controlam e que eu sou deles. Só tenho de concordar com tudo o que eles dizem, sorrir de forma discreta e inocente. Como se eu fosse o objecto, quando no fundo sou eu que os uso.



←
© jóias SWAROVSKI,
vestido GONÇALO PEIXOTO,
meias HYSTERIA BY HAPPY SOCKS,
sandálias LUÍS ONOFRE

Nas lojas mais caras conhecem-me. Faço o que for preciso para manter o mesmo brilho todos os dias. Aquele brilho que eles nunca viram na mulher com quem casaram. O meu cabelo, as minhas unhas, a minha pele, tudo em mim é perfeito. Mesmo que por dentro o meu coração já tenha sido desfeito várias vezes. As minhas roupas são de valor tão extravagante como a extravagância dos gastos que as mulheres deles fazem com os cartões de crédito. Já me cruzei com algumas delas em algumas lojas. Faz-me sentir ainda mais poderosa. Elas são as mulheres que toda a vida humilharam a minha mãe e eles... eles são os maridos que pensam me desejam. Eles dizem que têm saudades minhas, perguntam o que tenho vestido. Perguntam se gostei do novo relógio que mandaram o motorista entregar. Querem sentir que estou sempre disponível para eles, querem sentir que eu dependo deles. Mas eles são mais dependentes de mim do que eu deles. A minha lista não é extensa, sou fiel aos mesmos. Sempre me dá alguma dignidade, embora isso pouco importe no mundo em que vivemos.

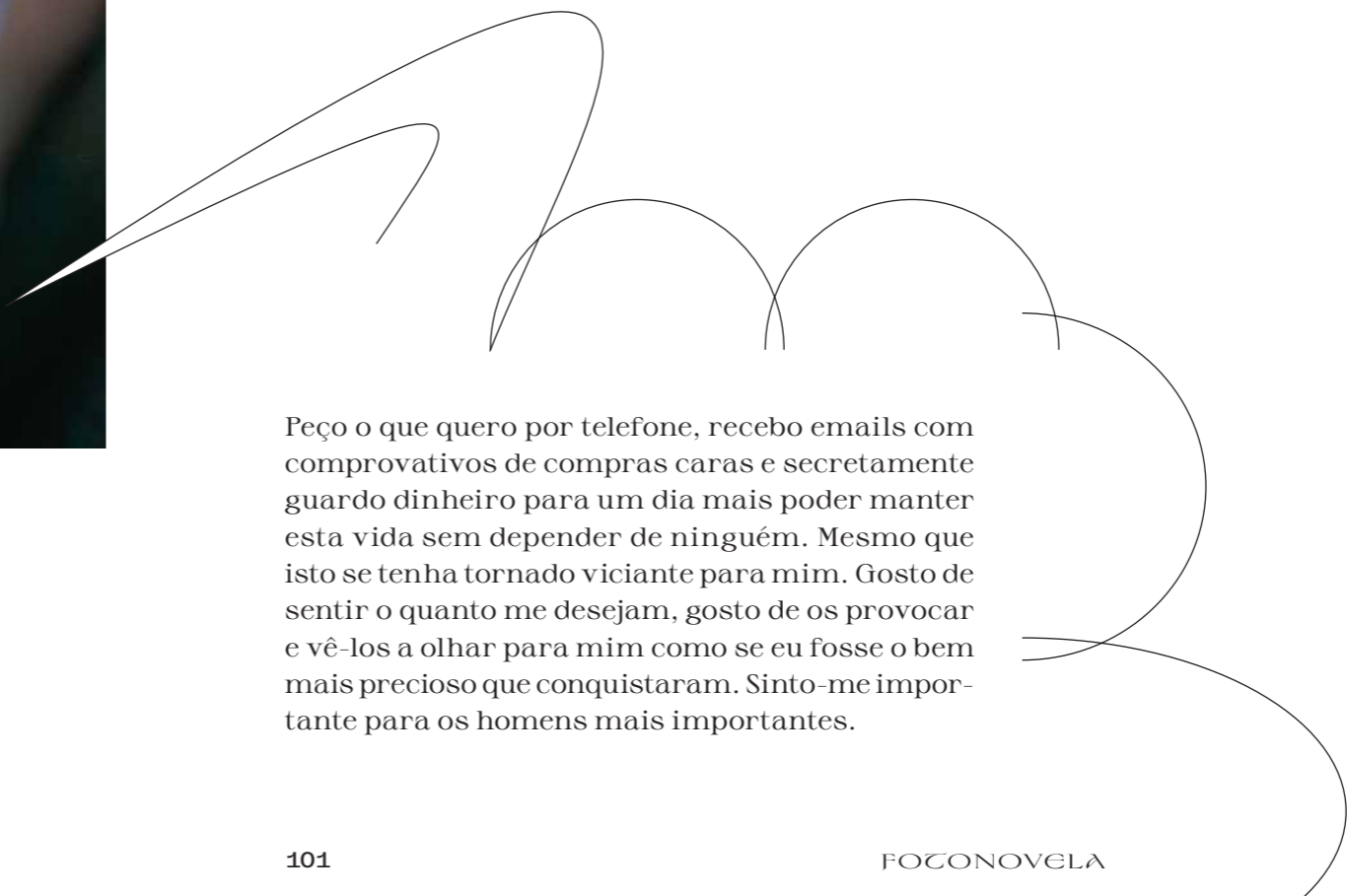


←
© jóias SWAROVSKI,
vestido GONÇALO PEIXOTO

...ao há sexo, uma mão na perna é o limite. Mas eles nem pedem mais, nem precisam de mais. Precisam de companhia, porque têm vidas tão preenchidas por aparências que se sentem sozinhos quando olham à sua volta. Todas as chamadas que atendi na quarentena tinham uma mistura de desespero e solidão. Fez com que me transferissem mais dinheiro do que era habitual, fez com que ligassem mais vezes e precisassem ainda mais de mim. Já não conseguiam ouvir a mulher, os filhos, as mães, as sogras, os cunhados e as irmãs. Com famílias inteiras a serem obrigadas a conviver, fez com que eu tivesse mais valor na vida deles. Se eu já me sentia rara, passei a sentir-me única e intocável. Eu nunca lhes ligo, só atendo chamadas quando eles precisam de mim.



←
© jóias SWAROVSKI,
vestido GONÇALO PEIXOTO



Peço o que quero por telefone, recebo emails com comprovativos de compras caras e secretamente guardo dinheiro para um dia mais poder manter esta vida sem depender de ninguém. Mesmo que isto se tenha tornado viciante para mim. Gosto de sentir o quanto me desejam, gosto de os provocar e vê-los a olhar para mim como se eu fosse o bem mais precioso que conquistaram. Sinto-me importante para os homens mais importantes.



←
© look total GIO RODRIGUES,
acessórios ATELIER MISS SUZIE

Só tenho vinte e um anos e a adrenalina que sinto faz com que eu pense muitas vezes que cheguei ao topo do mundo. A vida ensinou-me cedo e eu não quis perder tempo. Em breve não precisarei de nenhum deles, mas sinto que eles vão continuar a existir e a precisar de mais Lolas para os ouvir no meio das suas inseguranças. O meu mundo será muito mais do que isto, mas por enquanto, tenho tempo para me preparar para ser a mulher que um dia me vou tornar. Longe dos exemplos que tive ao longo da minha infância, próximo das heroínas dos filmes que vi e muito mais próximo das mulheres confiantes e independentes que conheci.



Para eles eu vou ser sempre a Lola. Para vocês que sabem a minha história, sou a Joana. Como Lola sou atrevida, descontraída e não tenho medo de nada. Como Joana sou tímida, inteligente e tenho medo de ser abandonada por alguém que me use e não me dê valor. Tornei-me numa boa mulher no dia em que percebi com quem devia ser má.

THE END

↑
© look tootai GIO RODRIGUES,
acessórios ATELIER MISS SUZIE

A Carolina Carvalho é a primeira atriz convidada a fazer parte deste projecto.

És uma atriz que está bastante ligada à televisão. Para ti, qual é a importância de participar em projectos que possam ser um pouco “fora da caixa”?

CAROLINA CARVALHO: O convite surgiu pela SARA PETERSON. Conheci o projeto dela através de uma amiga que temos em comum e entretanto falámos as duas e achámos que podíamos fazer um conteúdo diferente do que costumo fazer. Decidi embarcar na aventura e adorei o resultado.

Que conselho podes dar a quem pretende ser atriz/actor? Uma vez que o meio artístico nem sempre é fácil devido à escassez de trabalho e projectos?

CAROLINA CARVALHO: O melhor conselho que posso dar é preocuparem-se com a formação, irem ao teatro, consumirem cinema, no fundo conhecerem bem o meio. Depois é importante ir à luta, fazer castings, procurar oportunidades e habituarem-se ao “NÃO”, vai acontecer muitas vezes mas eventualmente vai chegar o “sim” e aí é só agarrarem bem essa oportunidade.



←
tshirt M MISSONI
tricot COS
calças COS



↑
vestido ANONYME
DESIGNERS
meias SUPREME
tênis PALLADIUM
chapéu FILA



←
tshirt e saia FRED PERRY
sandálias DR.MARTENS
meias HAPPY SOCKS



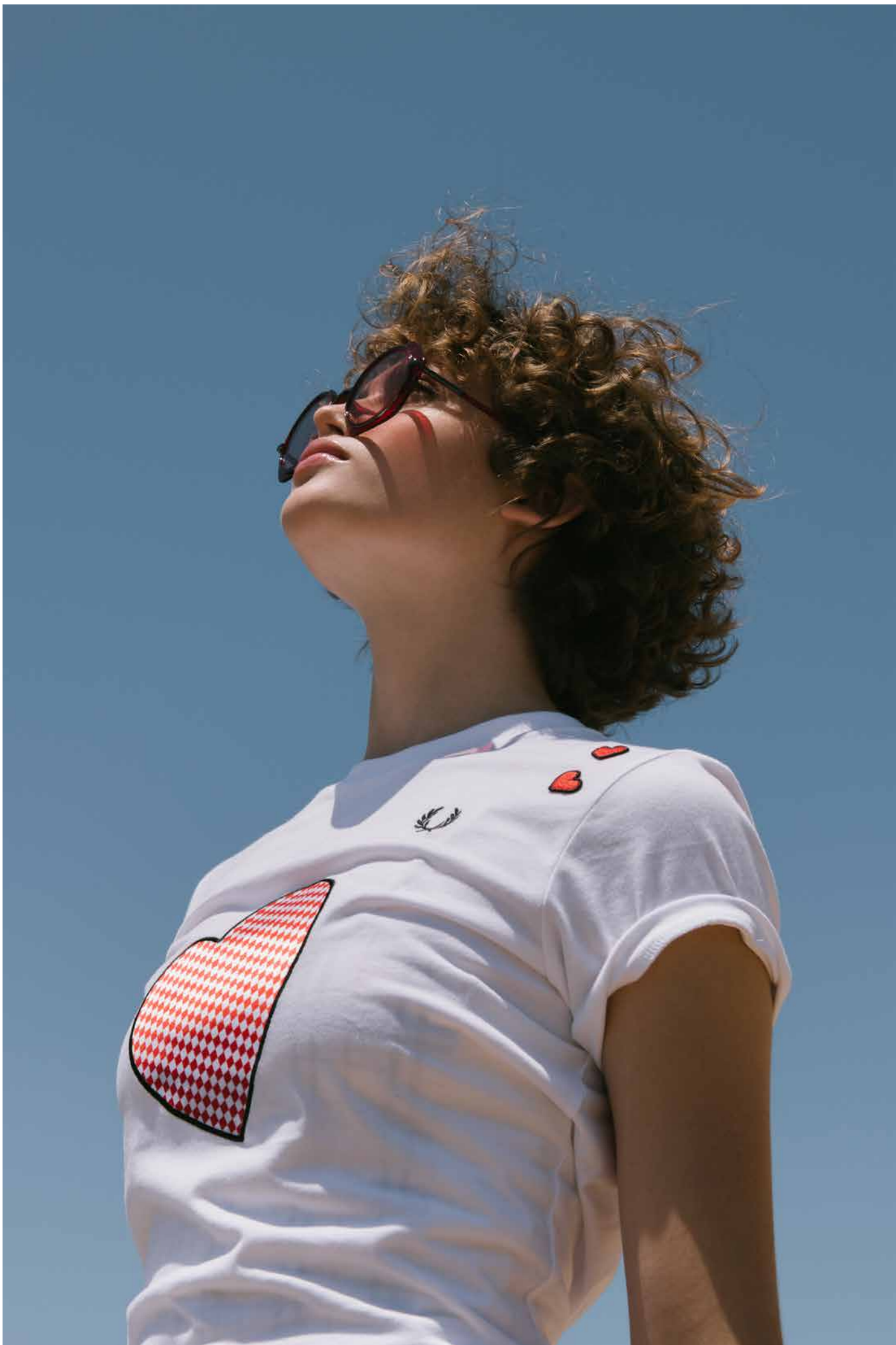
←
tshirt FILA
calças TOMMY HILFIGER
casaco MAISON SCOTCH
cinto LACOSTE
sandálias BIRKENSTOCK
óculos DKNY



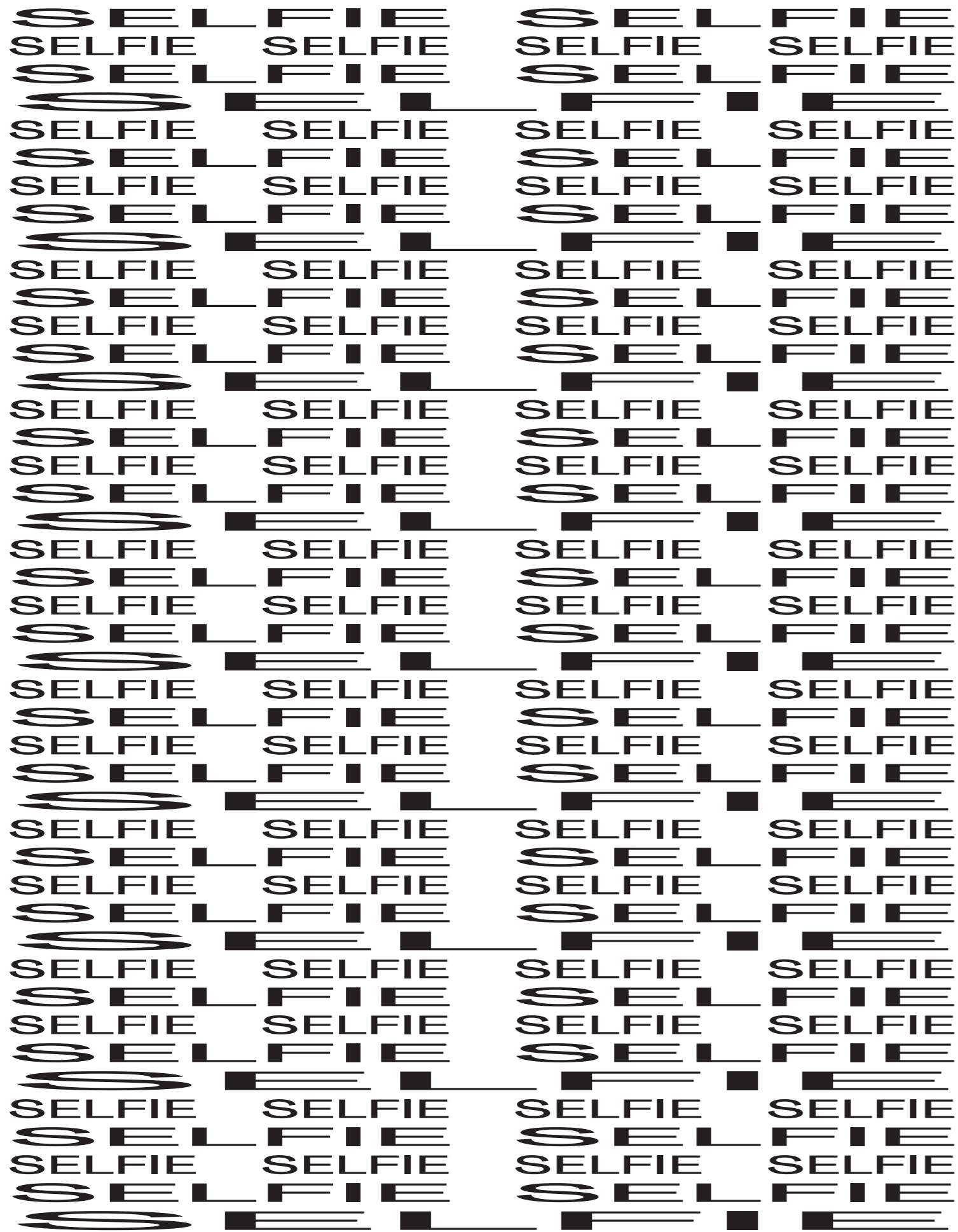
←
casaco DINO ALVES
calças FILA
botas PALLADIUM



↑
tshirt, calções e ténis FILA
meias SUPREME
chapéu NEW ERA

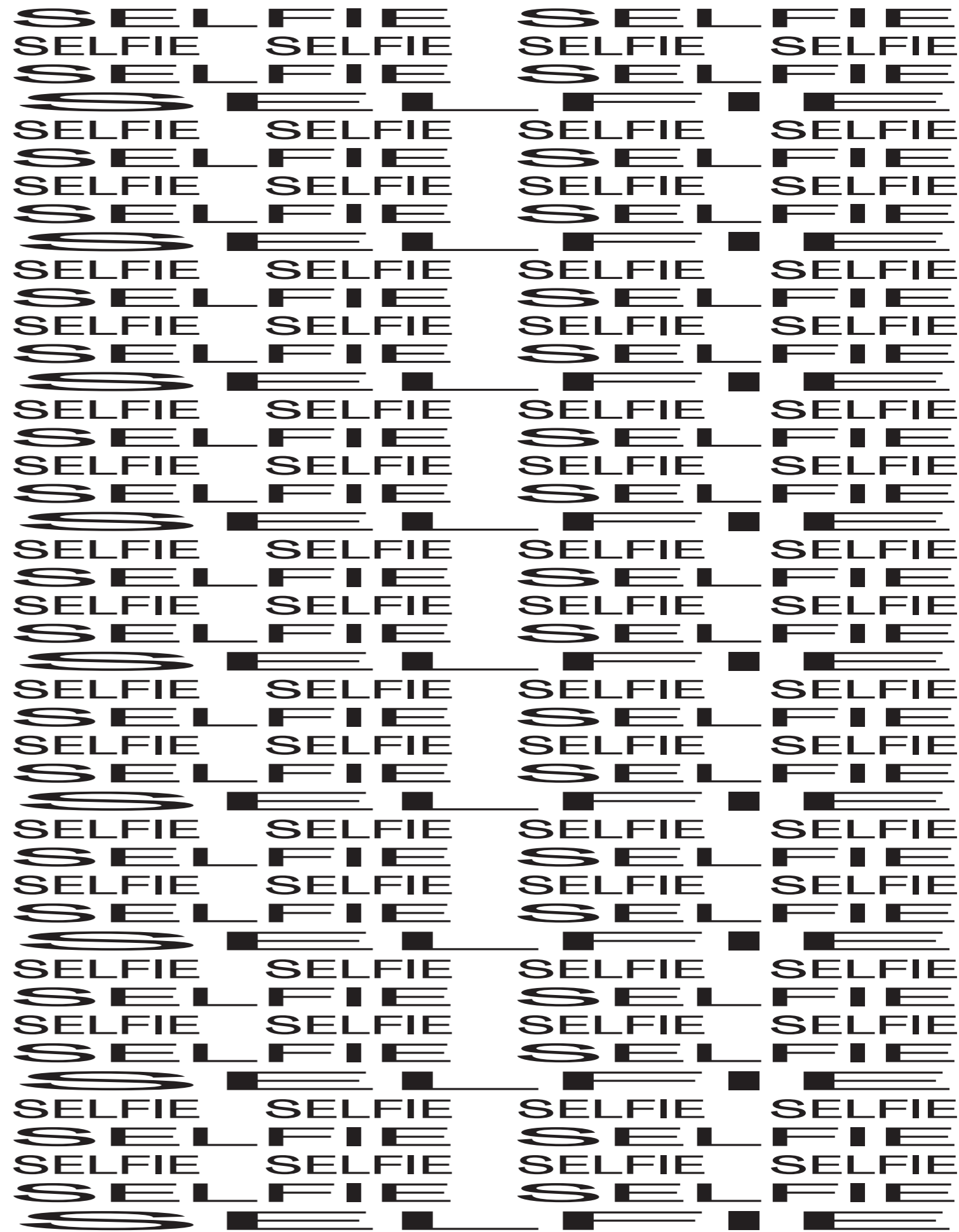


←
tshirt FRED PERRY
óculos ILL.I



Durante o período de confinamento devido a pandemia provocada pelo Covid 19 criamos este editorial de moda em que pedimos aos modelos para se fotografarem em casa, com os seus

próprios meios, reinterpretando alguns dos looks SS20, de criadores nacionais que usaram em desfile, na ModaLisboa e Portugal Fashion.



Agradecemos aos modelos e respetivas agências a disponibilidade de abraçarem este desafio

Coordenação CONFORTO MODERNO

ANA MIGUEL (we are models), ALDIVINA (l'agence Models),
JOÃO PEDRO HENRIQUES (central models),
NICOLAS SARTORTE (elite lisbon),
YE ZICHAO (karacter agency)



↑
total look HIBU

ALDIVINA



O que não pode faltar nos teus dias de confinamento?

Λ: Para além das aulas de Francês que tinha nos dias de semana, o que fazia quase todos os dias era ver séries na HBO e na Netflix e também utilizava muito o Tik Tok.

Que faceta de ti, ficaste a conhecer melhor?

Λ: Durante o confinamento senti um misto de sentimentos, mas o principal foi o amor ao próximo, porque eu e o mundo passávamos pelo mesmo e assim sendo, era inevitável não pensar nas pessoas que vivem em condições mais precárias, que não têm acesso a saneamento básico, principalmente, acesso a alimentos.

Em que medida esta experiência te tornou uma pessoa mais forte?

Λ: Fiquei a conhecer melhor os meus limites, a respeitar mais o espaço dos outros. Também venci certos medos e inseguranças e acima de tudo estou a saber dar mais valor à vida.



↑
total look RITA SÁ

O que não pode faltar nos teus dias de confinamento?

N: Começo por falar sobre a importância de me auto-conhecer diariamente, silenciar por alguns minutos para ouvir o meu eu interior... Além disso, passei por uma explosão de sentimentos diferentes que ainda estou a tentar entendê-los e, creio que tudo isso fez-me reavaliar e reaprender a “ser humano” (espero que muitas pessoas partilhem o mesmo pensamento). Basicamente estamos numa fase dos “RE”: reaprender, ressignificar, reavaliar, refletir, reservar, refazer, respeitar etc... (sentimentos que acabaram por nascer desta situação).

Em que medida esta experiência te tornou uma pessoa mais forte?

N: Ainda estamos no meio do processo mas, passar por toda esta experiência de ter sido colocado como “expectador da minha própria vida” tem-me feito refletir sobre diversos assuntos, e isso já me torna “mais forte” do que fui ontem, e isso acho que é o importante agora.





↑
total look ALEXANDRA MOURA

NICOLAS SARTORTE

ELITE LISBON



↑
total look LUÍS BUCHINHO



O que não pode faltar nos teus dias de confinamento?

Λ: Ouvir música, porque o facto de estarmos fechados em casa muitas vezes pode-nos levar a ter pensamentos mais tristes e a sentirmo-nos mais sós. Portanto, nada melhor que música alegre e bem disposta para nos fazer brilhar em dias mais cinzentos e fazer-nos sorrir por ter ao nosso lado as pessoas de quem mais gostamos, a nossa família.

Que faceta de ti, ficaste a conhecer melhor?

Λ: Nestes dias de confinamento em que a preguiça e o desinteresse podiam tomar conta de mim, descobri que consigo ser uma pessoa muito mais disciplinada e focada do

que pensava conseguir ser. Ao tentar criar uma rotina e estabelecer horários para determinadas tarefas consegui obter a motivação necessária para aproveitar estes dias da melhor maneira possível.

Em que medida esta experiência te tornou uma pessoa mais forte?

Λ: Fez conhecer melhor a mim própria! 24 sob 24 confinada ao mesmo espaço fez com que o melhor e o pior viesse ao de cima e tive de aprender a lidar com isso. Aprendi, também, a lidar melhor com as pessoas, a controlar o que digo e a manter a calma mesmo em situações de maior pressão. Aprendi, assim, a ser grata por o que a vida me proporciona.

total look KOLOVRAT
↓



ANA MIGUEL

total look INÊS TORCATO



O que não pode faltar nos teus dias de confinamento?

Q: O switch e o meu pc foram essenciais para conseguir passar o tempo da melhor maneira. Mesmo que estivesse repetir o jogo ou visse a mesma série não me importava.

Que faceta de ti, ficaste a conhecer melhor? Q: Fiquei a saber que sou uma pessoa preguiçosa, o que não é motivo de orgulho. Mesmo farto de tudo, mesmo se estiver a olhar para o teto uma hora ainda assim não tenho vontade de estudar.

Por outro lado, percebi que lido bem com o estar em casa. Tenho amigos que já estão fartos e totalmente desgastados da quarenta. Tenho saudades de sair e de trabalhar, mas por enquanto, ficar em casa não tem sido um problema, até por bem de todos nós.

Em que medida esta experiência te tornou uma pessoa mais forte?

Q: Este vírus fez aumentar certos preconceitos discriminatórios e tenho procurado saber como lidar melhor com isso. Eu vejo neste vírus a oportunidade de percebermos como somos todo um colectivo interdependente em que todos temos que fazer a nossa parte para ajudar-nos. Procuo esquecer comentários mais desagradáveis mas muitas vezes basta um para ferir os sentimentos de alguém. Isto é como um gota de tinta num copo de água, por muito que se meta água, vai se continuar a ver a cor da tinta.

YE ZICHAO



↑
total look JOÃO MAGALHÃES





↑
total look DAVID CATALAN



O que não pode faltar nos teus dias de confinamento?

J: O exercício físico, porque acredito que me mantém psicologicamente mais equilibrado e consequentemente, mais feliz. Para além disso, outras atividades que me mantém ocupado são, ler, desenhar e assistir alguns filmes.

Que faceta de ti, ficaste a conhecer melhor?

J: Sempre me considerei uma pessoa extremamente ansiosa e impaciente. O facto de ter que lidar com estas características diretamente, por estar fechado numa casa, fez-me atingir um limite considerável de ansiedade e impaciência e que, por isso, me permite,

agora, gerir e controlar de forma eficaz. Desta forma, conheço-me como uma pessoa mais paciente e calma.

Em que medida esta experiência te tornou uma pessoa mais forte?

J: Com tempo para pensar, consegui iniciar um processo de cura emocional, onde tive altos e baixos, mas que me permitiu refletir sobre quem quero ser e quais os meus objetivos futuros. Por isso, sem dúvida, que me tornou mais forte, porque reconheço quem sou, construindo um ego (uma visão de mim mesmo) que me permite agora e no futuro mostrar a minha opinião bem formada e coerente.



↑
total look ESTELITA MENDONÇA



JOÃO PEDRO HENRIQUES CENTRAL MODELS

RESTAURANTE
AS LADRAS

texto por Patrícia César Vicente



Desde 2018 que Santa Apolónia tem um dos seus melhores restaurantes. FILIPA HENRIQUES e MARIA JOÃO SILVA são irmãs, do conhecimento e paixão pela gastronomia surgiu o restaurante *As Ladras*. Seja pela excelente crítica dos turistas, seja pela excelente crítica dos portugueses que se tornam clientes habituais. Seja para quem vai jantar com a família ou amigos, para quem quer petiscar ao final da tarde na esplanada, ou para aqueles que optam pelo *take-away*. O restaurante tem cada vez mais clientes habituais e as inovações na carta são bastante esperadas e apreciadas. Existe a preocupação de renovar a carta sazonalmente e criar novas experiências gastronómicas. O cuidado e atenção ao detalhe num ambiente descontraído que se preocupa em saber receber todas as pessoas. Dos pratos vegetarianos, aos pratos de peixe e carne. Desde o início que faz parte da carta o Tártaro de Novilho —picado de forma tradicional (à mão), temperado com cebola roxa, cornichons, mostarda, molho inglês, pasta de rábano e outras coisas que ficam em segredo. O *best seller* das *Ladras* é o tartar de carapau, que acompanha com puré de batata doce amarela. Chegou no Verão passado e os pedidos foram tantos que acabou por ficar disponível até hoje. Como é difícil escolher só um prato, o melhor será pedir alguns pratos para partilhar.

A selecção de vinhos é portuguesa e as sobremesas vão desde o tradicional leite creme até à tarte de maçã caseira, entre mousse de chocolate, lima e pancada.

Se antes era difícil conseguir mesa sem fazer reserva, atendendo á situação actual em que vivemos tornou-se obrigatório. Antes eram extremamente cuidadosas com a desinfecção e limpeza do espaço, hoje tornou-se uma obsessão que é valorizada. Os pratos são confeccionados à frente dos clientes oferecendo a segurança necessária nos dias de hoje, mas sempre com o tempero de quem cozinha com amor há muito tempo.

AS LADRAS
Calçada dos Cesteiros, 7, Lisboa
(Junto à estação de Santa Apolónia)

T. 218 871 871

[@asladras](https://www.instagram.com/asladras)



VINTAGE STREETWEAR • RUA DA FIRMEZA 394, PORTO, PORTUGAL • +351 966 555 812 • [facebook.com/chicleteshop](https://www.facebook.com/chicleteshop) • [instagram.com/chicleteshop](https://www.instagram.com/chicleteshop)



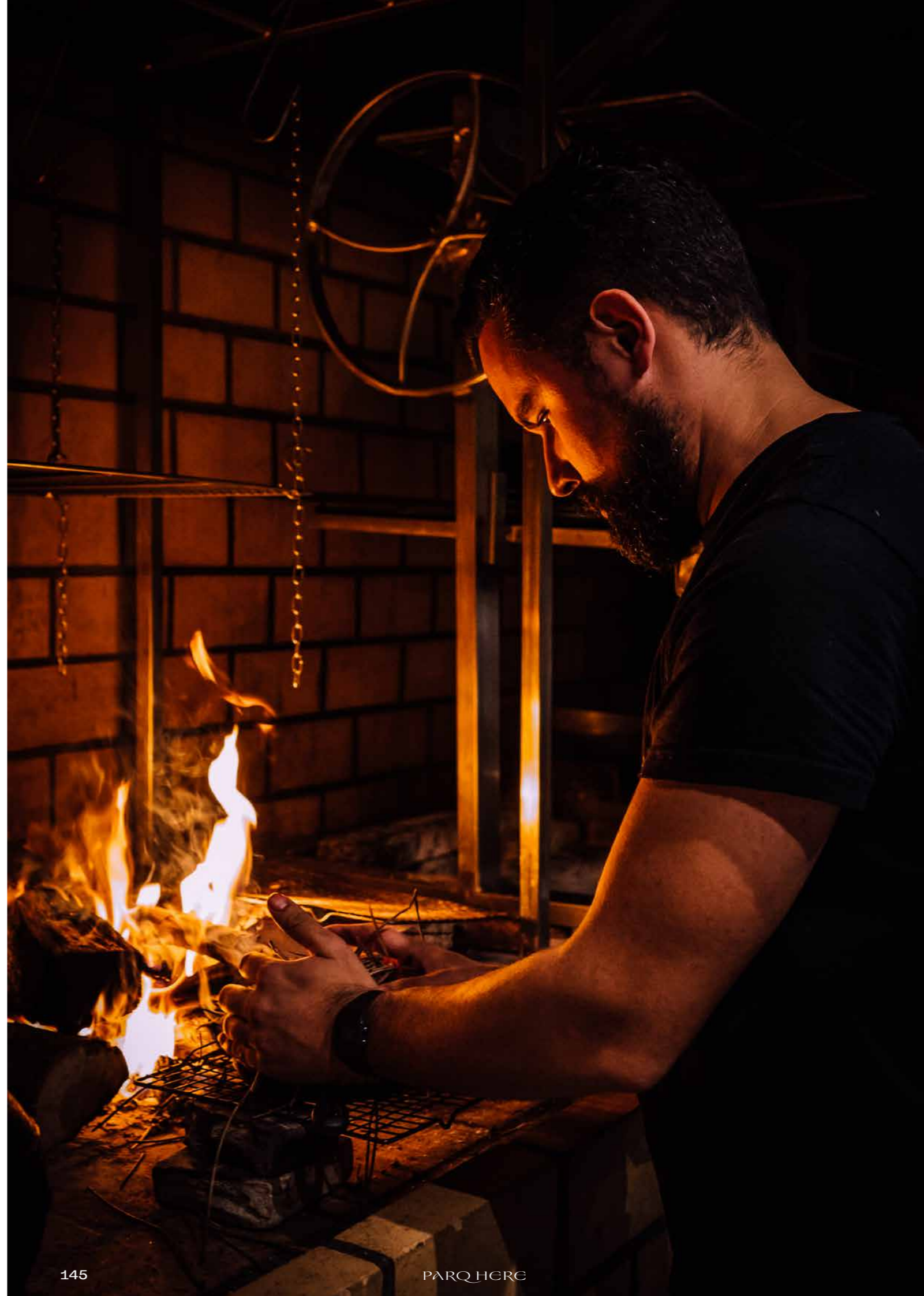
O ELEMENTO foi uma das grandes novidades do ano passado em termos de *fine dining* no Porto. Em menos de um ano, o chef RICARDO DIAS FERREIRA recorrendo a técnicas que se perdem no tempo com a proposta de uma cozinha executada apenas com o fogo, conseguiu entrar no último Guia Michelin. Sem qualquer recurso a um fogão industrial, os ganhos mais visíveis são uma execução mais lenta onde os sabores ficam mais apurados e fumados, indicativos que hoje em dia são raros. A cozinha do chef RICARDO DIAS FERREIRA é marcada pelos sete anos em que trabalhou em Sidney e pela revolução culinária que ali se vive, marcada por uma cozinha de fusão, especialmente com a introdução de todo um universo asiático que, na verdade, veio enriquecer e refrescar o património culinário australiano.

A carta é marcada pela sazonalidade dos produtos, mas podem contar com pratos que já criaram nome na casa como Papada de porco com cogumelos e cherovia; lula, tinta, tutano e avelã; robalo, nata fumada, raiz de aipo e couve; lombo de veado, beterraba e cogumelos silvestres ou peito de pato com sementes de abóbora e cogumelos. Também as sobremesas passam pelo fogo, sendo possível pedir manga assada com canela fria e chocolate, e gengibre com chocolate e limão. Toda a cozinha do ELEMENTO seja do fogão de lenha ou do grelhador, pode ser visionada atrás de um balcão corrido com bancos. O Menu à Carta tem um preço médio de 20€ - 40€ por pessoa. O Menu Degustação Invicta (com 9 Momentos) por 70€ por pessoa e complemento de harmonização de Vinhos 40€ por pessoa.

ELEMENTO
Rua do Almada, 51, Porto

Sáb. 12h → 15h
Ter. → Sáb. 19h → 23h

T. 224 928 193



texto por Maria São Miguel

O Chiado recebe a primeira *cheese concept store* portuguesa que, a pensar num público mais exigente, oferece a melhor seleção de queijos artesanais e DOP de todo o mundo. São mais de 50 referências disponíveis, onde predominam os produtos franceses, britânicos, portugueses, espanhóis e suíços. O menu inclui iguarias como o *Liconshire Poacher Smoked*, do Reino Unido; os franceses *Comté 18 meses* e *Livrarot*; o suíço *Vacherin Fribourgeois*, o *Manchego Curado Ntra. Sra. De Fuentes*, de Espanha; ou os portugueses *Serra amanteigado* e *Serpa*.

São 250 metros quadrados de singularidades como uma sala de maturação (*"Affinage Room"*), onde os *affineurs* selecionam e melhoram os queijos e estes podem ser vistos nas suas diversas fases. Há ainda uma sala de prova (*"Tasting Room"*), onde se servem refeições ligeiras tendo o queijo como ingrediente principal. O espaço é ainda valorizado com um balcão de venda ao público (*"Meet the Cheesemonger"*). Este oferece a oportunidade de degustar no local ou adquirir os melhores queijos e uma gama de produtos complementares, como vinhos, compotas, geleias, tostas e vários tipos de sal e mostardas. O projeto foi desenvolvido por JOÃO MACHADO, que além de ser o principal sócio do projeto é também um *cheesemonger* profissional. Sendo uma profissão quase desconhecida dos portugueses, vai ser possível frequentar *workshops* e cursos desenvolvidos por instrutores certificados pela Academy of Cheese do Reino Unido.



QUEIJARIA MACHADO
Rua Victor Cordonm 43
Chiado, Lisboa

T. 213 461 877



CRÓNICA
DEIXAMOS DE
CONTAR PRIMAVERAS

texto e fotos ANTÓNIO BARRADAS



Já nos preparávamos para ir à janela encostar o ouvido ao vidro antes do abrirmos. Sabíamos, na nossa ingenuidade rotineira, que os pássaros iriam regressar e nós saíramos à rua com os raios de sol estremonhados e voaríamos intrometidos como o pólen a anunciar a Primavera. Faríamos uma parada rua fora com cada passo a representar mais uns minutos de luz. De repente, tudo escuro. A chuva não se contivera e saltava pelos beirais fora, como se precipitasse o que daí viria, com a força das notícias a tornar aguaceiros em tempestade. Um mundo de pernas para o ar sem se ter preparado para fazer o pino. Gargalhadas regadas pelo calor dos dias,

adiadas; abraços descombinados com a frieza de quem falta a uma reunião e o cheiro a incerteza de uma quase-Primavera que passou a um Inverno caótico. Teríamos de a ver florescer atrás de um vidro. Através do frio vazio das imagens. Obrigámo-nos a parar. Parámo-nos à velocidade cruzado de uma vida que nunca abranda. Recriámos rotinas, falámos mais connosco do que alguma vez o havíamos feito e cedemos à pressão social para sermos criativos, inovadores e destemidos, mesmo quando a única coisa que nos entrava pela janela eram palavras como: infectados, internados, mortos. Sustivémos a respiração, para aguentar mais tempo debaixo deste dilúvio que não

hasteava a bandeira branca como sinal de trégua. Contornámos a tragédia dando-lhe música à janela, fazendo arte com tachos e panelas, enganando a saudade por atalhos e criando vida com retalhos. Vimos a Primavera de dentro. Depositámos esperança nas folhas que cresciam sem aviso. A árvore, escura como a nossa esperança no momento de nos confinarmos, já retribuía luz verde à esperança que durante dois meses se tingiu de cinzento. Não tocámos na Estação do amor, porque a nossa paragem certa era a segurança. Nos anos que se seguirem, já não contaremos Primaveras, porque haverá sempre um a ter-nos fugido das mãos.



MANY PATHS, ONE TRAIL.

MERRELL®

Boulder Range

Inspiração de 1994.

Design retirado dos nossos arquivos e actualizado com as características de performance dos dias de hoje.

Em couro e malha ventilada e uma sola exterior em borracha para aderência e tracção onde e quando precisares.

- Palmilha amovível Kinetic Fit™ para um suporte mais flexível
- Merrell Air Cushion no calcanhar que absorve o impacto e aumenta a estabilidade
- Sola intermédia em EVA para maior estabilidade e conforto